



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

MARATONAS LITERÁRIAS ON-LINE E AS NOVAS RELAÇÕES LEITOR-LIVRO

Camila Gonçalves Carneiro

Rio de Janeiro/RJ
2022
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

MARATONAS LITERÁRIAS ON-LINE E AS NOVAS RELAÇÕES LEITOR-LIVRO

Camila Gonçalves Carneiro

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Siqueira Travancas

Rio de Janeiro/RJ

2022

MARATONAS LITERÁRIAS ON-LINE E AS NOVAS RELAÇÕES LEITOR-LIVRO

Camila Gonçalves Carneiro

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por


Prof.ª Dr.ª Isabel Siqueira Travancas – orientador


Prof.ª Dr.ª Aline Frederico

Documento assinado digitalmente
goubri Mario Feijó Borges Monteiro
Data: 11/04/2022 18:11:50-0300
Verifique em <http://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Mário Feijó Borges Monteiro

Aprovada em: 11 de abril de 2022

Grau: 10 (Dez)

Rio de Janeiro/RJ

2022

CIP - Catalogação na Publicação

C289m Carneiro, Camila Gonçalves
Maratonas literárias on-line e as novas relações
leitor-livro / Camila Gonçalves Carneiro. -- Rio de
Janeiro, 2022.
84 f.

Orientadora: Isabel Siqueira Travancas.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Produção
Editorial, 2022.

1. maratonas literárias. 2. comunidades on-line
de leitores. 3. práticas de leitura. 4. história da
leitura. I. Travancas, Isabel Siqueira, orient. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

Escrever o TCC é o término de uma jornada que não começou apenas no dia da matrícula ou no dia em que recebi a notícia que havia passado para a UFRJ. É uma jornada que teve início em cada uma das vezes em que a minha mãe, Cláudia, leu um livro para mim quando eu era criança, em todas as vezes que o meu pai, Welmer, me ensinou a nunca desistir dos meus sonhos, que a minha avó, Maria Clara, me levava ao curso de inglês, que o meu avô, Lionel, me ensinou que nenhuma viagem é longa demais no caminho de nossos sonhos, mesmo que você precise atravessar o oceano para chegar lá. Todas essas pessoas não apenas me tornaram a pessoa que sou hoje, mas elas me apoiaram em cada momento do caminho que trilhei para chegar aqui e terminar esse TCC. Então, eu gostaria de dizer OBRIGADA:

Obrigada, mãe, por me ensinar a ler e a incentivar a minha paixão pela leitura, e por ter me transmitido sua paixão pelo estudo,

Obrigada, pai, por acreditar em mim e me ensinar a ser a mulher forte que sou hoje e por ter me mostrado que eu poderia fazer qualquer coisa que eu quisesse, bastava ter determinação e esforço.

Obrigada, vovós e vovô, por me encherem de carinho e serem verdadeiros exemplos de luta e conquista.

Obrigada a meus amigos do CSA, Nicole, Gabriel e Catherine, por me ajudarem a sobreviver ao Ensino Médio e por continuarem a fazer parte da minha vida, mesmo que a gente não se veja mais todos os dias.

Obrigada a minhas amigas maravilhosas da Eco, Julia e Jeniffer, sem as quais a faculdade não teria sido a mesma. Obrigada por me aturarem falando de livros sem parar, por puxarem eletivas aleatórias comigo e por me deixarem invadir as aulas de jornalismo. Vocês são a melhor coisa que a faculdade me trouxe.

E obrigada a minha orientadora, por ter acreditado nesse projeto de pesquisa e ter me ajudado em cada etapa do processo.

“I, who am perpetually making notes in the margin of my mind for some final statement, make this mark, waiting for some winter’s evening.”

— Virginia Wolf, *The Waves*

CARNEIRO, Camila Gonçalves. *Maratonas literárias on-line e as novas relações leitor-livro*. Orientadora: Profa. Dra. Isabel Siqueira Travancas. Rio de Janeiro, 2022. Monografia (Graduação Em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

O presente trabalho objetiva compreender melhor as maratonas literárias on-line, uma das novas práticas de leitura que surge da união da leitura com o digital, e as relações leitor-livro que fazem parte delas, de forma a mostrar que a leitura e o meio digital não são ideias opostas. Para tal, foi feita uma análise da História do livro e do conceito da leitura como uma atividade em constante transformação. A partir disso, foi feito um estudo do surgimento e da evolução das maratonas desde os blogs literários no início dos anos 2000 até a migração para a TwitchTV, assim como uma experiência etnográfica na *Maratona Literária de Verão 2022*, organizada por Victor Almeida, visando compreender como esses leitores maratonistas se relacionam com a leitura e sua relação com a sociedade do desempenho.

Palavras-chave: leitura; maratona literária; booktube; sociedade do desempenho

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – roleta de TBR da MLO2018	45
Figura 2 – post de anúncio da MLV2020 no Twitter	53
Figura 3 – Victor Almeida fantasiado de hacker.....	55
Figura 4 – Bruno lendo em live na Twitch.....	67
Figura 5 – enquete em live da Twitch	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A LEITURA NO SÉCULO XXI.....	14
1.1 O livro está morrendo?.....	14
1.2 A leitura em transformação	16
1.3 Comunidades literárias on-line.....	20
1.4 A cultura participativa e suas barreiras	22
2 MARATONAS LITERÁRIAS.....	29
2.1 Dos bookblogs ao booktube.....	32
2.2 As maratonas hoje	38
2.2.1 Temáticas	40
2.2.2 Escolhendo as leituras	43
2.2.3 A leitura ao vivo: lives	46
3 UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA DA MARATONA LITERÁRIA DE VERÃO DE 2022.....	50
3.1 Etnografia	50
3.2 Maratona Literária de Verão 2022	52
3.2.1 Sistema de missões.....	55
3.3 Leitura e quantificação.....	59
3.3.1 Lives e produtividade	60
3.3.2 Sociedade do desempenho	63
3.3.3 Sociedade do esgotamento e ressaca literária	66
3.4 Comunidade	69
CONCLUSÃO.....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

INTRODUÇÃO

Durante a pandemia de Covid-19, que levou a maior parte da população brasileira e mundial a se fechar em suas casas em isolamento social, as mais diversas áreas da arte e do entretenimento tiveram que se adaptar para sobreviver. Peças de teatro eram transmitidas no YouTube, filmes eram lançados em serviços de streaming ao invés de no cinema, eventos literários aconteciam inteiramente on-line. E, mesmo assim, existia um medo latente de que essas atividades sofreriam, e muito, com o afastamento do público. Mas uma delas, ao invés de sucumbir às dificuldades da vida em quarentena e on-line, ganhou ainda mais destaque em meio à pandemia: a leitura.

Durante esses quase dois anos de isolamento social, pessoas do mundo inteiro usaram o tempo extra que conseguiam sem precisar se deslocar para o trabalho e para a escola e impossibilitados de realizar encontros e outras atividades sociais para se debruçar sobre a leitura. Um momento que foi muito importante para formar novos leitores e para que outros redescobrissem a paixão pela leitura. Algo que foi responsável por manter o mercado editorial e livreiro vivo mesmo com o fechamento das livrarias e o cancelamento de eventos literários presenciais. Assim, a comunidade de leitores se fortaleceu inteiramente através do ambiente virtual, popularizando ainda mais as comunidades literárias on-line, que se tornaram destaque principalmente por conta do TikTok.

E, diferentemente das outras áreas da arte e do entretenimento, essa comunidade já estava inteiramente preparada para existir e se destacar em um mundo em que todos viviam separadamente em suas casas. As únicas coisas que mudaram foram o aumento de participantes e do impacto das atividades já existentes. Afinal, esses leitores digitais, principalmente os mais jovens, já ocupavam os espaços virtuais para falar sobre livros e se conectar com outros leitores, criando eventos e práticas que fortalecessem os laços sociais através da leitura. Práticas que, com a solidão gerada pelo distanciamento social, ganharam ainda mais adeptos.

Uma das mais populares são as maratonas literárias. Organizadas por influenciadores do mundo inteiro, as maratonas são eventos inteiramente on-line que incentivam os leitores a se desafiar a ler mais durante um período de tempo pré-determinado. Muito popular entre os leitores jovens presentes em redes sociais como o Instagram, Twitter, YouTube, TikTok e TwitchTV, elas existem desde o início dos anos 2000, quando eram realizadas nos blogs literários.

Hoje, maratonas são responsáveis por unir milhares de leitores e incentivar a leitura por prazer através de desafios, *lives*, brincadeiras e outras atividades lúdicas que incentivam a interação. E, o mais importante, unir leitores com um objetivo em comum. Tal união foi justamente o elemento que fez com que elas fossem tão procuradas e se tornassem tão popular durante esse momento histórico de isolamento físico.

Esse é um evento que eu observo desde 2017, quando eu descobri a comunidade literária on-line através dos vídeos do *booktube*. Uma comunidade que me fez conectar ainda mais com a leitura e que até hoje continua a me maravilhar e incentivar a ler. E, apesar de nunca ter participado de uma maratona de forma intensa por questões de disponibilidade, elas sempre existiram como esse momento especial dentro da comunidade, uma ocasião em que a leitura ocupa um papel ainda maior na vida dos leitores. E, vendo o engajamento que as pessoas têm com o evento, como elas reagem aos elementos lúdicos que fazem parte dele e a forma como unem a leitura e o digital me levaram a querer entendê-las a partir de um outro olhar. Um olhar não só de pertencimento, mas de questionamento, que busca perceber os detalhes e as nuances dela, e o papel que as maratonas desempenham na vida dos leitores. Uma curiosidade que cresceu junto com a popularidade delas durante a pandemia e a demonstração de que essas práticas existentes no meio digital foram cruciais para incentivar a leitura durante esse momento.

Com isso, comecei a reparar que falar de maratonas literárias e do seu impacto crescente traz à tona diversos questionamentos acerca da leitura no século XXI, os valores atrelados a ela e o papel que o digital tem na relação leitor-livro. Mais especificamente, me propus a pergunta: como é a relação dos leitores maratonistas com a leitura? E o que essa relação tem a nos dizer sobre os valores atrelados à leitura nos dias de hoje?

Foram essas questões e o interesse em me debruçar sobre essa prática de leitura tão popular, mas ao mesmo tempo tão diferente, que inspiraram o presente trabalho. Ele é, então, fruto do desejo de compreender melhor as novas relações leitor-livro que surgem nas comunidades digitais de leitores, em meio a um mundo onde a tecnologia cria cada vez mais possibilidades de produção e interação e suas lógicas se espraiam para outras áreas da vida. Para tentar responder a essas perguntas e me debruçar sobre o fenômeno das maratonas literárias, dividiu-se o trabalho em três capítulos: A leitura no século XXI; Maratonas literárias; e Uma experiência etnográfica da *Maratona Literária de Verão de 2022*.

No primeiro deles, irei analisar quais são as ideias e as noções atreladas à leitura nos dias atuais. Mais especificamente a noção de que o livro e a leitura estão morrendo como uma consequência da propagação do digital na sociedade. A partir disso, iremos demonstrar o caráter falacioso de tal proposição ao lançar um olhar para a história da leitura, a partir dos textos escritos de dois historiadores do livro: Robert Darnton e Roger Chartier. Em seus textos, eles apontam para a leitura como uma prática em constante transformação, que acompanha a história humana adquirindo novos contornos e valores e se adequando a contextos específicos.

Após destacar a proposição que opõe leitura e digital, analisarei neste mesmo capítulo as manifestações dela no meio on-line, mostrando como ambos coexistem na vida dos leitores do século XXI. Para tal, utilizaremos o texto de Costa e Teixeira (2016) *Movimento Booktubers: práticas emergentes de mediação de leitura* para entendermos esses leitores que surgem nas redes sociais e que criam comunidades on-line a partir do conceito de leitor 2.0. E, para analisarmos o contexto on-line, utilizaremos o conceito de cultura participativa proposto pelo comunicólogo Henry Jenkins e a aplicação dele no *booktube* a partir do texto *The Role of Affect in Adolescents' Online Literacies: Participatory Pressures in BookTube Culture* (EHRET, BOEGEL, MANUEL-NEKOUËI, 2018). Assim, buscarei entender as novas práticas da leitura no meio digital e as relações leitor-leitura que fazem parte dela.

Já no segundo capítulo, analisarei as maratonas literárias, objeto deste trabalho. Nele, será destrinchada a definição, a nomenclatura e a história dessa prática que une digital e leitura — desde sua origem nos blogs literários em meados de 2006 até sua migração para o YouTube em 2013. Ao apresentarmos alguns dos exemplos mais marcantes das maratonas literárias, nos detalharemos em como seu formato evoluiu em conjunto com as possibilidades tecnológicas que foram surgindo no decorrer do século XXI. O foco será a questão da quantificação das leituras e como novos elementos são pensados e ganham popularidade em meio à comunidade leitora on-line. Em seguida, analisarei os elementos que fazem parte do seu formato atual, em especial as *lives* de leitura e as temáticas.

No terceiro capítulo, detalharei o estudo etnográfico feito durante a *Maratona Literária de Verão de 2022*, organizada por Victor Almeida, do canal *Geek Freak*. Levando em consideração os dados coletados e as observações feitas durante a etnografia, será feita um aprofundamento na valorização da quantificação de leituras — o objetivo das maratonas — e

como essa quantificação interfere na maneira como os leitores se relacionam com a leitura durante o evento.

De forma a correlacionar esse impulso pela quantificação com o atual contexto, utilizaram-se os conceitos de sociedade do desempenho e sociedade do esgotamento, propostos pelo filósofo coreano Byung-Chul Han em seu livro *A sociedade do cansaço* (2017). Tais conceitos também são úteis para analisar as falas dos participantes da maratona tanto no Twitter quanto nos chats das *lives* de leitura que aconteceram durante o evento. E, assim, tentar compreender quais são os impactos das maratonas na relação que o leitor 2.0 tem com a leitura, sejam eles positivos ou negativos.

1 A LEITURA NO SÉCULO XXI

1.1 O livro está morrendo?

A leitura é mais do que uma atividade humana, ela é uma maneira de se relacionar com textos, livros, histórias; de construir sentidos acerca do mundo social e natural; de provar uma existência que por vezes escapa do individual e se consolida na experiência coletiva. Segundo Robert Darnton (1990), um dos maiores estudiosos da história da leitura, o ato de ler envolve uma relação específica entre o leitor e o texto, a qual consiste em uma estrutura de esquemas interpretativos que "fazem parte de configurações culturais, que variam imensamente ao longo do tempo" (DARNTON, 1990, p. 170)

A democratização dos aparelhos digitais como o computador e o telefone celular, assim como a globalização do mundo e a consolidação do neoliberalismo se destacam como alguns dos grandes marcos históricos da passagem do século XX para o XXI. E, como tal, são impactados por e impactam como entendemos a leitura nos dias de hoje e nos relacionamos com ela. Para começarmos a compreender os valores atribuídos à leitura, precisamos primeiramente analisar quais são os discursos e ideais produzidos e propagados sobre dessa prática.

Desde a virada do século, diversos veículos jornalísticos publicaram artigos temerosos e fatalistas acerca de um fenômeno que lhes parecia inevitável e iminente: a morte do livro. Seja por causa da fascinação com os meios digitais, os quais colocariam o livro em segundo plano, da diminuição do tempo do ócio dedicado à leitura, ou simplesmente do suposto esvaziamento da essência do livro com a chegada do hipertexto, os jornalistas acreditavam que a sociedade, principalmente as novas gerações, iria pouco a pouco provocar um abandono dos livros e relegar a leitura à um passado inalcançável. *The End of Books* (COOVER, 1992), um dos primeiros artigos sobre o tema, e um dos mais famosos, afirmava que o hipertexto significaria a derrocada do livro como o conhecemos, empobrecendo seu conteúdo e eventualmente substituindo-o por completo. Mas esse foi só o início.

Outro artigo com esse mesmo tom é *Twilight of the Books* (CRAIN, 2007), onde o jornalista é ousado ao ponto de sugerir que os estadunidenses estavam perdendo não somente a vontade de ler, como também a habilidade. Já Ewan Morrison (2011), em uma palestra no Festival Internacional do Livro em Edimburgo, coloca os escritores como futuras vítimas do digital ao dizer

que os e-books e a internet iriam causar a morte da profissão. Esses são apenas alguns exemplos dos vários artigos publicados nos grandes veículos jornalísticos americanos com essa visão apocalíptica do futuro do livro e da leitura. No entanto, os fatalistas não foram os únicos a colocarem suas opiniões no papel. O poeta Ferreira Gullar, em *A morte do livro* (2006), e a historiadora Leah Price, em *Dead again* (2012), endereçam o assunto criticando essa visão reducionista e mostrando como ela não leva em consideração todos os aspectos da sociedade. O próprio autor de *Twilight of the Book* (2007), Caleb Crain, revisitou seu artigo em 2018 trazendo novos dados e mostrando como não precisamos estar tão alarmados com a suposta morte do livro.

Mesmo assim, é interessante perceber como essa interpretação pessimista ressurgiu de maneira recorrente, sempre realimentando um debate que nasce na oposição entre as novas tecnologias e a leitura e se utilizando de um discurso nostálgico no qual o passado se torna símbolo de um lugar idílico para a leitura. Como se a internet fosse um ser parasita que sugasse a força vital do livro para se fortalecer e o estivesse matando pouco a pouco. Ou, então, como se os dois fossem pertencentes a mundos incompatíveis, e como tal não poderiam existir na mesma realidade, ao mesmo tempo. A propagação de tais ideias se entranha na construção simbólica que o senso comum e a sociedade impõem sobre a imagem e o conceito do livro.

Não podemos culpá-los exclusivamente por essa visão. Afinal, nessa segunda década do século XXI vimos os CDs e os DVDs rapidamente se tornarem obsoletos, relegados a lembranças de uma adolescência inimaginável para as crianças de hoje em dia. Mas, o que os autores desses artigos parecem não perceber é que o esquecimento dessas plataformas em nenhum momento significou a morte da indústria musical ou da indústria cinematográfica. Houve a criação de novas formas do consumidor se relacionar com os conteúdos audiovisuais, transpondo-os para as bibliotecas digitais de assinatura conhecidas como *streamings*.

Mesmo assim, nessa perspectiva, parecem sensatas as razões do desespero de tais colunistas com o futuro do livro, ou, no caso, a possível inexistência de um futuro. No entanto, as métricas e estatísticas que foram apuradas sobre os hábitos leitores e o consumo de livros mostram que tal cenário não está se transmutando integralmente para o mercado literário. Segundo um artigo publicado no G1 (MERCADO, 2021), o mercado literário no Brasil teve um aumento considerável no número de vendas no primeiro período de 2021, tendo 28 milhões de obras vendidas. Já o hipertexto e os e-books, que eram vistos como os maiores inimigos da literatura, estagnaram em uma porcentagem não tão significativa para o mercado literário. Nos Estados Unidos, um dos países

pioneiros dos livros digitais e que mais vende e-books no mundo, os e-books, seja em formato de texto ou de áudio, representam apenas 16,4% do total de vendas, segundo a Association of American Publishers (2022). E, na verdade, foram responsáveis por formar novos leitores, ao invés de exterminarem os antigos. Portanto, será que podemos mesmo nos limitar a essa visão maniqueísta de entender tecnologia e livros como ideias opostas?

1.2 A leitura em transformação

O que esses jornalistas deixam de perceber é que as transformações proporcionadas pela internet e pelo digital não são as únicas a terem impacto nos hábitos literários. “A história da leitura é também uma história de preocupação, e tais preocupações acabam com qualquer contraste óbvio entre a virtude dos livros e o vício no digital.”¹ (PRICE, 2019) Afinal, os mesmos receios se repetiram em diversos momentos históricos, sempre com o surgimento de uma nova mídia ou tecnologia que, acreditava-se, iria substituir completamente as antigas ou deturpá-las. O principal exemplo foi a popularização da televisão que, Price (2019) ressalta, foi a inovação que mais gerou impactos no tempo que as pessoas dedicavam à leitura como lazer.

Além disso, tal noção não se sustenta ao analisarmos a História da leitura, a qual foi marcada pela transformação. Resignificada, esquecida e ressuscitada, as manifestações dos da leitura acompanharam o progresso humano e se adaptaram aos mais diversos contextos socioculturais. Tal poder de adaptação é uma característica intrínseca dessa atividade humana e é o que possibilita que sua presença quase que onipresente na História. Desse modo, como afirma Leah Price (2019): “uma constante na história dos livros é o seu poder de assumir novos contornos, e de incentivar novas formas de leitura como resultado”.² Esses contornos podem se manifestar através das criações de novos suportes e das atualizações dos antigos — seja um pergaminho, um manuscrito, um livro impresso ou um Kindle — ou através de novos valores que são atribuídos ao ato de ler, influenciando o papel que a leitura irá ocupar em cada sociedade.

Isso acontece porque, como ressalta o historiador do livro Roger Chartier (1998, p. 8), “a leitura é uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos” e, como tal, é influenciada pelo

¹ "The history of reading is also a history of worrying, and those worries rule out any clean contrast between bookish virtue and digital vice"

² "One constant in the history of books is their power to take new forms, and to prompt new ways of reading as a result" (PRICE, 2009)

formato no qual o texto está sendo transmitido, no local onde é feita e as práticas sociais que envolve. “Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis.” (CHARTIER, 1998, p. 8)

Em seus primórdios, os livros existiam em rolo ou *volumen*, um formato que demandava gestos específicos do leitor e um certo tipo de movimento do olhar para a leitura. Ao serem substituídos pelo formato do códex nos primeiros séculos da era cristã, os leitores precisaram passar por um processo de estranhamento e adaptação, de forma a se adequar à nova materialidade dos livros. Segundo Chartier (2009, p. 93): “esses leitores defrontavam-se com um objeto novo, que lhes permitia novos pensamentos, mas que, ao mesmo tempo, supunha o domínio de uma forma imprevista, implicando técnicas de escrita ou de leitura inéditas.”

Na Idade Média, esses códex eram manuscritos, e, em seu tamanho e raridade, demandavam um cuidado quase que etéreo em seu manuseio, fazendo com que sua leitura fosse limitada ao clero e àqueles com maiores posses econômicas. Além disso, nessa época, o ato de ler se realizava em cima de um púlpito, um lugar de destaque, a partir do qual um monge lia para os demais, em um sistema de um para muitos. Uma dinâmica que, até então, era a norma, tendo em vista que a alfabetização ainda era um privilégio de poucos. Dessa forma, desde a Antiguidade clássica, uma pessoa letrada era responsável por contar a narrativa para as demais, fazendo com que a leitura fosse um gesto do ouvido, como afirma Chartier e Darnton.

Com a invenção da imprensa por Gutenberg, o livro se liberta das muralhas dos mosteiros e do conteúdo exclusivamente religioso e começa a poder ser adquirido por outros leitores, indo para as residências, para o espaço privado. Essa revolução implica em um aumento do público leitor e um incentivo para a alfabetização da população. Tal mudança gerou consequências nos hábitos leitores, fazendo com que, no século XVIII, segundo Chartier (1998, p. 23), houvesse a passagem da cultura da leitura intensiva, na qual lia-se poucos livros, porém lhes era conferida uma atenção reverencial, para a da leitura extensiva, cuja característica é um volume grande de leituras, que se sucedem com rapidez pois não lhes é mais conferida a antiga sacralidade. Mesmo assim, é importante ressaltar que o surgimento do livro impresso não implicou na extinção dos manuscritos. “O escrito copiado à mão sobreviveu por muito tempo à invenção de Gutenberg, até o século XVIII, e mesmo o XIX. Para os textos proibidos, cuja existência devia permanecer secreta, a cópia manuscrita continuava sendo a regra.” (CHARTIER, 1998, p. 9)

Tal cenário de democratização do acesso aos livros vai se consolidando no decorrer dos séculos XIX e XX e com as inovações tecnológicas, que tornam a produção do livro impresso mais rápida e barata, diminuindo o custo do produto final e aumentando as tiragens. Uma situação que culmina na criação do livro em formato de bolso, popularizado pela editora Penguin Books em 1936 (LEWIS, 2006), o qual encurta essa distância ainda mais ao possibilitar que a leitura seja feita praticamente em qualquer lugar — em uma poltrona, na cama, no trem em movimento, em uma fila de espera — derrubando ainda mais fronteiras entre o leitor e o livro. O livro ganhava, então, o status de bem de consumo popular, extremamente acessível ao poder ser comprado em supermercados, farmácias e até mesmo no "Penguincubator", uma máquina automática de venda de livros de bolso idealizada por Allan Lane, o dono da Penguin Books. (LEWIS, 2006)

A introdução dos livros digitais no século XXI, por sua vez, parece romper definitivamente com as relações que tínhamos com os livros físicos, ao transpor a necessidade do papel como suporte e relegar o livro ao virtual. Mesmo assim, enquanto cria novas possibilidades do leitor se relacionar com texto, o e-book ainda traz possibilidades de relação com o leitor que já estavam presentes anteriormente.

"De um lado, o leitor da tela assemelha-se ao leitor da Antiguidade: o texto que ele lê corre diante de seus olhos; é claro, ele não flui tal como o texto de um livro em rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente, já que agora ele corre verticalmente. De um lado, ele é como o leitor medieval ou o leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como a paginação, o índice, o recorte do texto. Ele é simultaneamente esses dois leitores. Ao mesmo tempo, é mais livre. O texto eletrônico lhe permite maior distância com relação ao escrito. Nesse sentido, a tela aparece como o ponto de chegada do movimento que se-parou o texto do corpo." (CHARTIER, 2009, p. 13)

Assim, exponencia-se o poder do leitor sobre aquele texto. Agora, qualquer pessoa que possua um smartphone ou um computador pode se tornar uma leitora, e o texto pode acompanhá-la em qualquer lugar. Os novos modelos do Kindle, e-reader produzido pela Amazon, são até mesmo à prova d'água, podendo ser lidos na banheira, na praia ou na piscina.

Essa transposição do local de leitura e aproximação física do leitor com o texto possibilita que ele e a sociedade como um todo atribua novos significados àquele objeto. Por mais simples que possa parecer essa transformação, "o onde da leitura é mais importante do que se pode pensar, porque a contextualização do leitor em seu espaço pode fornecer indícios sobre a natureza de sua experiência". (DARNTON, 1990, p. 156) Afinal, quando a leitura se populariza e pode ser feita

em breves momentos de ócio, ou em movimento, ou na casa dos leitores em posições de conforto e relaxamento possibilita-se que o leitor experimente uma sensação de proximidade simbólica e concreta com o livro. Acreditando que aquele conteúdo pode lhe pertencer de alguma forma.

Sendo assim, percebe-se como a História do livro sempre esteve envolta em transformações e o impacto do digital é somente mais uma etapa nesse percurso. E, além disso, o surgimento de novos formatos e novas práticas não significam a extinção imediata dos antigos, e algumas inclusive são aperfeiçoadas ou retornam séculos depois, como é o caso da oralidade da Idade Média e os audiolivros do século XXI. Mas, então, de onde surge a ideia de que o livro está morrendo?

Segundo a historiadora Leah Price, em seu livro *What we talk about when we talk about books* (2019), as visões fatalistas do futuro do livro e a oposição entre ele e o digital são um produto do mito do excepcionalismo, uma noção que esteve sempre presente nas sociedades humanas. No caso de um período histórico, a crença no excepcionalismo significa que aquela sociedade acredita estar vivendo em um momento influenciado por mudanças nunca vistas na História da humanidade, um sentimento que acaba por gerar medos e temores de um futuro que, acredita-se, será irreconhecível devido a essas transformações. O maior problema atrelado ao excepcionalismo é que ele gera percepções deturpadas de seu objeto e cria narrativas fictícias para que possa ser mantido. Tais narrativas se alimentam do exagero das diferenças e um apagamento das similaridades.

O mesmo acontece com os livros e sua história. Price (2019) descreve como tal crença influencia as pessoas que proclamam a morte do livro. Tendo em vista que, para elas, a disseminação do digital é essa mudança impensável que irá desestruturar a história "estática" de uma leitura solidificada. Ou seja, acredita-se que a internet, com suas infinitas distrações, faça com que os leitores não tenham mais tempo para se dedicar à leitura e que o livro digital desestruture a essência dos livros, provocando mudanças irreparáveis na forma como as pessoas se relacionam com o livro. Mudanças estas que resultariam em sua extinção.

Mas, como podemos observar pelo percurso histórico do livro, o mito do excepcionalismo não corresponde à realidade, sendo fruto de um não entendimento dessa História. Afinal, as mudanças proporcionadas pela popularização da internet e pelo surgimento do livro digital podem ser consideradas como parte de uma evolução natural do livro e da leitura.

"As ferramentas digitais podem não estar transformando nossas práticas de leitura mais drasticamente do que as mudanças nos formatos do

impresso fizeram. O que elas estão revolucionando são as nossas ideias sobre a leitura." (PRICE, 2009)³

Dessa maneira, ao transpormos a noção falaciosa da morte do livro e da oposição maniqueísta entre ele e o digital, nos cabe perguntar quais são essas novas ideias criadas. Afinal, como a leitura tem se transposto para o universo on-line? E como ele influencia na criação de novas práticas leitoras?

1.3 Comunidades literárias on-line

O que podemos perceber é que o digital e a leitura coexistem na vida dos leitores do século XXI e que a tecnologia, longe de ser uma inimiga, se torna propulsora da atividade leitora em suas mais diversas manifestações. Hoje, vemos surgir um novo tipo de leitor que utiliza as redes sociais como um intermediário para a sua leitura, fazendo com que elas sejam um estímulo a essa atividade.

"O leitor 2.0 interage com o ciberespaço e participa dele sem abandonar necessariamente a prática e, principalmente, o gosto pela leitura. Além disso, apoia um (re)olhar na concepção e nos dispositivos de formação de um público leitor do século XXI, um leitor protagonista, criativo, produtor, disposto a 'despertar um autêntico desejo de ler' em comunidades virtuais." (COSTA, TEIXEIRA, 2016)

Nesse prisma, para o leitor 2.0, ler e estar conectado à internet não são ideias opostas, mas existem simultaneamente e se inter-estimulam, ou seja, a presença no ambiente on-line se transforma em uma parte intrínseca da relação dele com o livro, quase como se a leitura não pudesse ocorrer sem essa participação no digital. Tal local é onde ele irá descobrir recomendações de livros, comentar sobre o que está lendo e encontrar incentivos, inserindo-o em um universo favorável à leitura. O meio digital se torna, então, o mediador dessa atividade. O que, por sua vez, não significa que ele irá ler somente livros digitais, muito pelo contrário. Esses leitores continuam a comprar e utilizar o livro impresso, assim como — e talvez até em maior quantidade — fazem com os e-books. Possibilitando que esse objeto inteiramente analógico passe a ocupar um espaço significativo dentro das plataformas digitais.

³ "Digital tools may not be upending our reading practices any more drastically than changing forms of print did. What they are revolutionizing is our ideas about reading." (PRICE, 2019)

Eles começam, portanto, a se organizar em comunidades on-line, se apropriando do espaço das redes sociais para criar locais onde a leitura é discutida e estimulada. Essas comunidades cunham, até mesmo, nomes próprios dependendo da plataforma onde são formadas como *booktube* (YouTube), *bookstagram* (Instagram), *booktwitch* (TwitchTV) e *booktok* (TikTok). E, apesar de cada uma dessas redes apresentar ferramentas distintas que estimulam diferentes tipos de conteúdo, sejam eles vídeos, fotos, textos ou *live streamings*, todas fazem parte de um universo comum — a comunidade literária — o qual se forma a partir do uso de práticas, formatos e linguagens que são reconhecidas pelo grupo. Sendo assim, o leitor pode participar e interagir com outros leitores em qualquer uma dessas redes sociais, fazendo parte de uma ou mais, seja como criador de conteúdo ou como espectador.

Esse impulso de criação de comunidades em torno da atividade da leitura é uma característica recorrente na História do livro, não sendo exclusiva do mundo digital. “[...] leitores não são solitários, em geral, aparecem em contextos representativos de entretenimento e de conversação, sinal de que a leitura era vista, sobretudo, como prática de vida em sociedade” (CHARTIER, 1998). Segundo o historiador Robert Darnton, na Idade Moderna a leitura era um ato coletivo, uma atividade social, sendo realizado em voz alta como entretenimento em festas ao redor da fogueira, ou então como um passatempo distraído, um barulho de fundo declamado nas oficinas e tavernas. Nesse contexto, a leitura ocupava o espaço do coletivo, da oralidade, representando uma parte importante da configuração social e das atividades de lazer comunitárias.

"A instituição mais importante da leitura popular sob o Antigo Regime era uma reunião ao pé do fogo, conhecida como *veillée* na França e *Spinnstube* na Alemanha. Enquanto as crianças brincavam, as mulheres costuravam e os homens consertavam as ferramentas, alguém do grupo que soubesse decifrar um texto iria regalá-los com as aventuras de *Les quatre fils Aymon*, *Till Eulenspiegel* ou alguma outra história apreciada dentre o repertório corrente dos livretos populares baratos." (DARNTON, 1990)

Outro aspecto importante na configuração dos hábitos leitores da Idade Moderna são os clubes do livro, os quais cresciam em popularidade durante o Renascimento principalmente na França (*cabinets littéraires*) e na Alemanha (*Lesegesellschaften*). Eram, assim, símbolos de um local onde os leitores poderiam ter acesso a um acervo de publicações assim como conversar sobre suas leituras. "Os clubes de leitura alemães, segundo Otto Dann, forneceram as bases sociais para uma variedade distinta de cultura burguesa no século XVIII." (DARNTON, 1990)

Evidencia-se, portanto, como desde tempos imemoriais a leitura desempenha esse papel de catalisador da atividade social, algo que continua a acontecer nos dias de hoje. Um exemplo importante são os "clubes do livro silenciosos" que começaram a aparecer nos Estados Unidos em 2012, e que hoje conta com mais de 300 localidades mundo afora. Neles, leitores marcam uma reunião em um café ou em uma praça para que cada um possa ler seus próprios livros silenciosamente, enquanto compartilham um espaço físico. O site oficial da iniciativa descreve esses clubes do livro silenciosos como um impulso pela comunidade e pela conexão entre as pessoas através dos livros.

Percebe-se, assim, como o movimento em direção a uma existência em comunidade faz parte da maneira como o ser humano se relaciona com a leitura no decorrer da História, não sendo exclusivo dos dias atuais. No entanto, o que a internet proporciona é trazer esses esforços do mundo físico para o mundo virtual, transpondo barreiras espaço-temporais e ampliando o escopo de comunidades, antes locais e familiares, para um nível global. Agora, um leitor brasileiro pode assistir aos vídeos de um *booktuber* holandês e conversar nos comentários com outros leitores do mundo inteiro. Algo que é ainda mais possibilitado pela consolidação da língua inglesa dentro da comunidade. Assim como também são formadas comunidades menores, em outras línguas, mas que continuam a ser maiores em extensão e participação do que o ambiente dos clubes de leitura da Idade Média, ao compreenderem países inteiros, como o Brasil. Além disso, as ferramentas existentes na internet e nas plataformas das redes sociais fazem com que seja possível expandir a complexidade e a diversidade dessas comunidades, criando novas maneiras da leitura servir como incentivo para a socialização ao mesmo tempo em que transpõem comportamentos e valores que fazem parte dessas redes para a leitura.

1.4 A cultura participativa e suas barreiras

Essas novas possibilidades de interação e expansão do grupo de participantes são proporcionadas por uma característica intrínseca às redes sociais: a cultura participativa.

"Uma cultura com barreiras relativamente baixas para a expressão artística e o engajamento cívico, com um forte apoio para criar e o compartilhar as criações de alguém [...] também é uma em que os membros acreditam que suas contribuições importam, e sentem certo grau de conexão social entre si." (JENKINS, 2016)

Segundo o pesquisador de comunicação e tecnologia Henry Jenkins (2016), apesar de não ter surgido no meio digital, a cultura participativa ganha novas possibilidades e contornos a partir de ferramentas que permitem, e até mesmo estimulam, os usuários a participarem em redes sociais e em comunidades on-line. Dessa maneira, o digital expande o grupo de participantes em potencial e cria um ambiente favorável para trocas ao diminuir as barreiras para a interação, permitindo que qualquer pessoa, independente de sua especialização ou formação acadêmica, possa começar a falar sobre qualquer assunto na internet e usá-lo como ponto de partida para a interação com os demais internautas.

Com os livros não é diferente. Leitores do mundo inteiro passam a usar as redes sociais de forma a compartilhar suas leituras, suas opiniões, os livros que compraram e recebem respostas de outros leitores, conforme possibilitado pela cultura participativa. Para tal, não precisam ser doutores em literatura ou críticos especializados, basta terem um meio de se conectar à internet e desejarem falar sobre livros. Sendo assim, cria-se uma comunidade on-line formada principalmente por "leitores comuns" que produzem textos, vídeos, fotos, *lives* e resenhas falando sobre livros para outros leitores, muitas vezes sem receber nenhuma compensação financeira. "São leitores falando com outros leitores, sugerindo e criticando leituras, de igual para igual." (JEFFMAN, 2015) O que os une é a paixão pela literatura. Isso faz com que o papel do crítico seja "ao mesmo tempo reduzido e ampliado. Ampliado na medida em que todo mundo pode tornar-se crítico." (CHARTIER, 2009, p. 17) Inclusive, esse caráter "comum" dos leitores é um dos principais estímulos para a troca, ao possibilitar uma aproximação simbólica entre o criador de conteúdo literário e o espectador através da transposição da hierarquia acadêmica e semântica, antes existente entre leitor e crítico.

Um dos principais exemplos dessa cultura colocada em prática é o *booktube*, como aponta Jeffman em *Literatura compartilhada: uma análise da cultura participativa, consumo e conexões nos booktubers* (2015). Ele se destaca dentre as demais plataformas por ter criadores de conteúdo que subvertem as possibilidades pré-estabelecidas pela plataforma para melhor criarem conexões, promovendo trocas não previstas pelo objetivo inicial do algoritmo, exponenciando a socialização pretendida pela plataforma e, conseqüentemente, promovendo a criação de comunidades. Segundo a pesquisadora, os *booktubers* se utilizam da cultura participativa para instigar a reação dos espectadores, os quais interagem com os vídeos a partir da seção de comentários, onde discutem sobre os livros citados ou respondem às perguntas feitas pelo *booktuber* no decorrer do vídeo.

Tais interações existem, em muito, devido aos *vlogs*, um formato de vídeo que permite ao espectador observar a "vida real" desses *booktubers*, aumentando a identificação e aproximação entre eles e, a partir disso, os inscritos se sentem mais confortáveis para interagir. Além disso, os *booktubers* criam "*tags*" — vídeos com perguntas pré-determinadas e que envolvem "taguear" outro *booktuber* — ou vídeos e eventos colaborativos, dentre os quais a maratona literária, os quais funcionam enquanto elo entre os diferentes criadores de conteúdo, possibilitando que os leitores se encontrem e formem laços entre si. É através dessas colaborações que a comunidade se fortalece, ao não limitar o espectador a um único *booktuber*.

Nesse contexto, segundo Jeffman (2015), o livro se torna o objeto que conecta essas pessoas, o elemento que une os participantes dessa cultura. Ou seja, "a ajuda, a amizade, a cumplicidade, a socialização, a participação, a incitação de desejos, a conexão e a construção de redes e de laços se dá através do livro" (JEFFMAN, 2015, p. 11). Enquanto isso, a rede social funciona como conector, ao conter as ferramentas que irão proporcionar essa interação. Cria-se, então, um ambiente em que as relações de conexão que se estabelecem se mostram mais importantes do que o conteúdo dos vídeos em si, configurando uma cultura do leitor que encontra nas redes sociais um local onde pode expor suas opiniões e conversar com pessoas que compartilham os mesmos interesses.

No entanto, apesar dessas comunidades se mostrarem abertas a todos, existem marcadores de status e práticas exclusivas que funcionam como barreiras de entrada para a cultura participativa defendida por Jenkins (2016). Ehret, Boegel e Manuel-Nekouei analisam essas barreiras em *The Role of Affect in Adolescents' Online Literacies: Participatory Pressures in BookTube Culture* (2018) e destacam que elas são responsáveis por criarem pressões participativas nos leitores jovens que desejam fazer parte dessas comunidades. Isso acontece, pois, tais comunidades são formadas ao redor de uma cultura e, como tal, se sustentam através de normas e valores compartilhados. Apesar disso, vale ressaltar que tais barreiras não se apresentam como práticas exclusivistas, ativamente proibindo leitores de participar, mas como parâmetros para que o próprio leitor se sinta parte indivisível daquela comunidade.

Assim, para que um leitor seja reconhecido e se reconheça como pertencente a ela, ele precisa apresentar certos marcadores de status pré-estabelecidos implícita e explicitamente pela comunidade. No entanto, é interessante perceber que, ao invés de serem barreiras acadêmicas, como na crítica literária do século XX, sociais como na Idade Média, ou espaciais como na Idade

Moderna, elas são representantes dos valores que fazem parte do universo das redes sociais e do neoliberalismo. Por exemplo, um dos marcadores citados por eles é a pressão por ter estantes abarrotadas de livros, demonstrando a importância conferida ao consumo e à exposição de bens materiais, os quais não são exclusivos da comunidade literária, mas fazem parte da própria cultura das redes sociais.

"A pressão participativa para comprar e organizar livros que sejam esteticamente apelativos está interrelacionada com os letramentos de design de 'booktubar' que são formadas culturalmente. Mas elas também representam uma barreira econômica para entrar na comunidade do booktube ou pelo menos para se tornar um booktuber famoso." (EHRET, BOEGEL, MANUEL-NEKOUËI, 2018, p. 6)⁴

Ter essa biblioteca se torna algo a ser desejado pelos leitores, para que possam ser reconhecidos como pertencentes à comunidade e, caso sejam criadores de conteúdo, aumentarem o número de visualizações. Algo que não acontece, por exemplo, ao se possuir uma biblioteca de livros em um e-reader, tendo em vista que a quantidade não é visível para o outro. Esse acúmulo de livros se torna, então, algo almejado pelos *booktubers* e por outros criadores de conteúdo literário, impulsionando-os a adquirirem cada vez mais exemplares para realizarem o sonho da estante perfeita a ser admirada por seus espectadores. E os inscritos, por sua vez, são levados a mostrarem seu pertencimento através da postagem de fotos de suas estantes nas redes sociais com *hashtags* como #shelfie — uma junção da palavra *selfie* (foto do eu) e *shelf* (estante em inglês) — a qual é extremamente popular, tendo quase 3 milhões de posts no Instagram. A própria junção dessas duas palavras na formação da *hashtag* destaca a interligação entre a identidade do eu leitor e a imagem da sua estante.

Esse marcador de status é ainda mais escancarado em vídeos de *bookshelf tour* (passeio pela estante), onde esses criadores mostram a estante com detalhes, comentando sobre cada um dos livros que possuem, um vídeo que pode durar horas, sendo dividido em mais de uma parte. Victor Almeida do canal *Geek Freak* compara o seu *bookshelf tour* com um filme em um *tweet*: "SIM, ELE VOLTOU! AQUELE QUE É O MAIS TEMIDO! Organizei toda a estante pra poder gravar o Bookshelf Tour: o filme. Quarta, às 19h." (ALMEIDA, 2021) É interessante perceber como esses vídeos são os mais assistidos no canal dos *booktubers*, tendo um público muito maior

⁴ "The participatory pressure to buy and arrange aesthetically pleasing book displays is interrelated with the culturally formed design literacies of BookTubing. Yet, it can also be an economic barrier to entry into the BookTube community or at least to becoming a big-name BookTuber."

do que vídeo resenhas. No canal do Victor Almeida, por exemplo, o *bookshelf tour* de 2019 é o segundo vídeo mais assistido do canal, tendo mais de 140 mil visualizações apesar de seus 44 minutos de duração.

Vale ressaltar que são vídeos muito requisitados pelos espectadores, o que explicita ainda mais a força da pressão participativa. O *booktuber* Paulo Ratz do canal *Livraria em Casa* comenta em um tweet: "ATENÇÃO TO ALL THE MANAS: Vcs pedem bookshelf tour o ano todo, é a pior coisa do mundo de gravar, please assistam <3. te amo". (RATZ, 2017) Dessa forma, é possível perceber como tal estilo de vídeo é responsável por — até mesmo um requisito para — trazer visualizações para o criador de conteúdo, como Alec Costa do canal *Um Bookaholic* diz em um tweet: "Primeiro vídeo meu que "bombou" foi a minha bookshelf tour. Esse vídeo é horrível, mas tenho muito orgulho dele *-*." (COSTA, 2020)

Nesse contexto, a falta de uma estante estética e abarrotada de livros pode resultar em uma invisibilidade dentro da comunidade, tendo em vista que ela é em parte um dos atrativos para que as pessoas assistam aos vídeos e se inscrevam no canal. E o mesmo serve para os leitores-espectadores, os quais, ao se compararem com esses *booktubers*, podem se sentir inferiores e não dignos de serem considerados tão leitores como eles. Tudo isso baseado em um acúmulo de bens materiais, no caso, o livro, Percebe-se, assim, como tais pressões participativas respondem a valores já presentes no mundo moderno, como o consumismo e a expressão de pertencimento através do consumo, e, a partir disso, funcionam como motores para a criação de rituais e práticas dentro da cultura de livros na internet, como é o caso do *bookshelf tour*.

Outro marcador de status importante dentro da comunidade e que desempenha um papel importante nessa formação é a quantidade de livros lidos. Isso implica em uma necessidade de se ler um número significativo de livros por ano, os quais funcionam como uma cota mínima a ser cumprida para que se possa ser considerado um "leitor de verdade" e, conseqüentemente, parte da comunidade. Não basta ler um ou dois livros por mês em um contexto on-line onde ler livros é sinônimo de conteúdo.

Uma das principais ferramentas da maior rede social de leitores do mundo, o Goodreads — onde leitores compartilham o que estão lendo, recebem recomendações e se conectam com outros leitores — é o Reading Challenge (desafio de leitura), que acontece anualmente. Esse desafio consiste em estipular uma meta pessoal do número de livros que se pretende ler no ano em questão. Em 2021, mais de 5 milhões de leitores — 5.759.756 — participaram do desafio, cuja

meta era 53 livros a serem lidos, em média, o que equivale a um livro por semana. (GOODREADS, 2022) No entanto, dentro da comunidade dos influenciadores literários é comum vermos metas acima de 100 livros, como é o caso da brasileira Tamirez Santos do canal *Resenhando Sonhos* que ultrapassou a sua meta de 120 ao ler 178 livros em 2021, ou da canadense Sunny do canal *Sunnybooknook* que se desafiou a ler 250 livros em 2022.

Estipular essa meta anual de leituras na plataforma funciona, então, como um ritual de pertencimento, fazendo com que os leitores estipulem a meta assim que possível, logo após a virada do ano — "só estamos há 9 minutos no ano novo e eu já fui verificar se o 2022 reading challenge já estava no goodreads. é um comportamento insano a esse ponto"⁵ (@aleclighttwd, 2022); "nada diz feliz ano novo como colocar uma nova meta no goodreads" (@mer_reads, 2022). Todavia, participar do desafio não se resume a estipular uma meta. A cada leitura finalizada é necessário marcar o livro como "lido" na plataforma para que ele possa ser contabilizado dentro do desafio. E, assim, no decorrer do ano o algoritmo da plataforma irá mostrar o progresso do usuário em tempo real, informando a porcentagem de completude e se ele está em dia, atrasado ou adiantado no desafio, além de especificar a quantidade de livros atrasados ou adiantados naquele momento. A página do desafio também mostra as metas e o progresso dos seus amigos e pessoas que segue na rede.

Tal desafio se destaca por seu caráter público, o qual desempenha um papel de divulgar a identidade do usuário enquanto leitor, quantificada e determinada a partir do desempenho em um desafio numérico. Afinal, para o algoritmo não é relevante saber o quão informativa ou positiva foi a leitura, resumindo-se ao número de livros lidos. Assim, como analisa Newman em seu artigo *LibraryThing: the bookclub you can win* (2008), é a publicização das leituras possibilitada por essas plataformas que permite o colecionamento de livros como símbolos de status. Cria-se, então, um panorama de competitividade numérica que se traduz em uma pressão participativa para ter a sensação de pertencimento e identificação. Afinal, não cumprir sua meta do Goodreads equivale a um fracasso na sua adequação à comunidade e no reconhecimento como leitor, um sentimento exemplificado pelo seguinte tweet:

"eu: eu sou inteligente. Eu sou realizada. Eu sou o suficiente.
meta do goodreads: você está dois livros atrasado.
eu: Eu sou um lixo. Do lixo eu venho. Para o lixo retornarei."

⁵ "it's 9 minutes into the new year and i went and checked goodreads for 2022 reading challenge. it's insane behavior at this point" (@aleclighttwd, 2022)

(COMEAU, 2021)⁶

Essa pressão se entranha, então, nas comunidades literárias de outras plataformas, onde leitores criam formatos de conteúdo baseados nesses valores quantitativos. O principal exemplo disso são vídeos e posts com os chamados "wrap ups" ou leituras do mês — um tipo de vídeo que é marca registrada da comunidade literária nas mais diversas redes — onde os influenciadores mostram e comentam sobre os livros lidos em um mês, geralmente de 6 a 10 livros. Esse número parece representar o "mínimo" necessário para que o vídeo ou o post de leituras do mês exista, e, caso ele tenha menos leituras do que o padrão daquele criador de conteúdo em questão, é comum que ele apresente alguma desculpa ou justificativa.

Dessa forma, assim como acontece com as estantes, tais posts criam um parâmetro para os demais leitores que acreditam precisar ler a mesma quantidade de livros que seus *booktubers* ou *bookstagrammers* favoritos para serem considerados leitores de verdade e ultrapassarem as barreiras de pertencimento à comunidade. Além disso, outro exemplo importante são as maratonas literárias, as quais iremos analisar mais detalhadamente no próximo capítulo. Mas, em resumo, elas são um evento que surge a partir dessa pressão participativa de forma a proporcionar um período de tempo para que os leitores possam ler mais do que o normal, ratificando esse pertencimento e a participação na comunidade.

Destaca-se, portanto, como através da cultura participativa e das pressões que dela fazem parte são criadas novas maneiras do leitor se entender como tal e se relacionar com a leitura. Assim como tal cenário, por sua vez, funciona como catalisador para a concepção de novas manifestações e práticas de leitura no meio on-line, as quais corporificam esse leitor 2.0 que une a leitura e o digital e que é afetado por essas pressões participativas. No presente trabalho, portanto, se pretende analisar uma dessas novas práticas, as maratonas literárias, as quais, enquanto parte da cultura do livro na internet, se mostram como a junção máxima entre essas duas noções. Através dela, iremos analisar a potência do digital enquanto incentivador da leitura e os novos valores atrelados à leitura no século XXI por essas comunidades de leitores.

⁶ me: I am smart. I am accomplished. I am enough. / goodreads goal: you are two books behind schedule / me: I am garbage. I come from garbage. to the garbage I shall return.

2 MARATONAS LITERÁRIAS

As maratonas literárias — ou *read-a-thons* como são chamadas em países de língua inglesa — são uma prática de leitura reconhecida dentro das comunidades de leitores na internet e teve sua origem nos blogs literários estadunidenses. Por ano, centenas de maratonas literárias acontecem no mundo inteiro. Ela é um evento inteiramente on-line em que algum criador de conteúdo literário — seja ele um blogger, um *booktuber*, um *bookstagrammer* etc. — convida sua audiência a ler junto com ele, durante um período pré-determinado, no qual todos irão se desafiar a ler mais do que estão acostumados.

Leitura e companhia são as duas palavras-chave para começarmos a compreender os objetivos e as motivações das maratonas. O objetivo central delas é o aumento no ritmo de leitura do participante — o que envolve dedicar mais horas do dia à leitura e, conseqüentemente, a ler um maior número de livros. Essa questão central das maratonas é um reflexo do valor que o leitor 2.0 — aquele que entende a leitura e o meio digital como duas coisas indissociáveis — confere à quantidade, ao número de livros lidos em um mês ou em um ano. Assim, a maratona funciona como ferramenta para ajudar esse leitor a aumentar o ritmo de leitura. Por isso que ela não é baseada em uma competição entre os leitores, e não tem um único vencedor. Mas é, sim, um evento em que os leitores se desafiam a ler mais do que normalmente leem, quase como uma competição contra eles mesmos.

Além disso, as maratonas também são calcadas na noção de comunidade, de estar lendo em conjunto e ao mesmo tempo que outros leitores, apesar de não compartilharem uma localização física e geográfica. Essa relação se estabelece a partir da pré-determinação de um período de duração comum a todos os participantes e do uso de outras ferramentas digitais — que podem variar de maratona para maratona — que funcionarão como conectores entre os participantes. Nesse contexto, a leitura é deslocada de um local de solidão e introspecção como em bibliotecas silenciosas e no ambiente isolado do quarto e retoma a posição de atividade comunitária que desempenhava no século XVIII. Algumas maratonas ainda podem evocar um terceiro motivador, a diversão, que não se apresenta enquanto objetivo originário, mas se configurando como um subproduto desejado que vem ganhando cada vez mais importância na organização do evento.

Outro aspecto das maratonas que vale ressaltar é sua gratuidade. Mesmo quando são patrocinadas por editoras e envolvem algum tipo de propaganda, a participação é sempre aberta ao

público em geral, não havendo qualquer custo ou taxa a ser paga. Os leitores não precisam nem mesmo comprar livros, podendo participar lendo aqueles que já têm em casa, que estão em domínio público ou que pegaram emprestado de bibliotecas públicas, tornando o evento democrático e acessível a todos que tenham acesso à internet. No caso, ela se mostra como principal barreira à participação. Afinal, tudo gira em torno dessa presença on-line: o vídeo ou post de apresentação da maratona — que contém as informações de participação e, por vezes, um formulário de inscrição —, as dinâmicas e brincadeiras que acontecem no decorrer do evento, o compartilhamento das leituras e conversas realizadas através da hashtag ou em canais como grupos no aplicativo Discord.

Por terem se originado nos Estados Unidos, sua nomenclatura original foi *read-a-thon*, uma palavra que, em inglês, evoca dois significados distintos, porém similares em seu sentido. O primeiro deles, que espelha o significado do nome em português, advém da própria palavra da qual é derivada: *marathon* (maratona, em português). Origens gregas à parte, hoje a maratona se refere a um evento de competição esportiva de resistência que consiste em uma corrida de 42 km. Ela é considerada o evento mais longo do atletismo, sendo disputada nas olimpíadas desde 1896. E, segundo o dicionário Merriam-Webster de língua inglesa, a maratona também pode ser considerada "alguma coisa (tal qual um evento, uma atividade, ou sessão) caracterizada por sua longa duração ou esforço concentrado".⁷ (MARATHON, 2022) Como em qualquer evento esportivo, ela envolve um vencedor, aquela pessoa que consegue chegar em primeiro lugar, configurando uma competição. No entanto, no caso das maratonas, por serem uma prova extremamente exaustiva e que demanda uma superação por parte do esportista, completá-la já é, em si, uma conquista. Algo que cria um paralelo interessante com as maratonas literárias, que, em geral, não têm um único vencedor, bastando completar o objetivo final para ser vitorioso: ler uma média maior do que estão acostumados a ler.

Baseando-se nesse outro sentido, diversos esforços e eventos que se enquadram em tal definição passaram a utilizar a palavra *marathon* como vocábulo originário para a formação de novas palavras ao retirarem a sílaba "mar" e adicionarem um novo prefixo ao sufixo "athon", como, por exemplo, "bikeathon", "editathon", "learnathon", "danceathon" e, o objeto do presente trabalho, "readathon". Esse estilo de construção de nomenclaturas se popularizou a tal ponto que

⁷ “something (such as an event, activity, or session) characterized by great length or concentrated effort”

a terminação "athon" passou a ser dicionarizada e o Cambridge Dictionary traz a seguinte definição: "adicionado ao final de palavras referenciado uma atividade ou evento, especialmente algum que tenha sido organizado para arrecadar dinheiro para a caridade, para mostrar que dura um longo tempo."⁸ (ATHON, 2022)

Vale ressaltar que existem eventos denominados read-a-thons que se baseiam na arrecadação de dinheiro usando a leitura prolongada como forma de ganhar doações. Geralmente são realizadas em escolas e os alunos leem junto com seus responsáveis para arrecadar dinheiro para a educação. No entanto, as maratonas que iremos analisar, apesar de trazerem essa noção de tempo prolongado, são uma atividade de lazer que faz parte da cultura leitora na internet e que é feita sem outro objetivo, sendo a própria leitura a única finalidade.

Além desse primeiro significado, a construção da palavra permite um segundo, derivado da sua sonoridade. Ao ser pronunciada, readathon se assemelha a "read a ton" e, nesse caso, "a ton" significa, segundo o Merriam-Webster Dictionary, "uma grande quantidade"⁹ (TON, 2022). Assim, o nome também faria referência ao objetivo do evento: ler um número significativo de livros.

Esse duplo sentido se perde na tradução do termo para a língua portuguesa que, ao optar pelo nome maratona literária, mantém somente o primeiro significado. Mas, mesmo assim, continua agregado às principais ideias suscitadas pelo evento, evocando um universo semântico de longa duração, grande quantidade, resistência, competição e esforço — sentidos que farão parte da construção da relação leitor-leitura que será proporcionada pelo evento.

Sendo assim, ao seguirem estes princípios básicos de conexão e aumento da leitura, as maratonas literárias se veem livres para assumirem as mais diferentes formas, variando em extensão, complexidade ou especificidade. É interessante perceber como a configuração do evento consegue ser maleável e se adaptar às mais diferentes redes sociais, não se limitando a um só formato de produção de conteúdo e interação. Além disso, o evento evoluiu com o surgimento de novas tecnologias e ferramentas dentro das plataformas on-line e com as transformações da cultura leitora on-line.

⁸ "added to the end of words referring to an activity or event, especially one that has been organized to raise money for charity, to show that it continues for a long time"

⁹ "a great quantity"

2.1 Dos *bookblogs* ao *booktube*

As primeiras manifestações das maratonas literárias aconteceram em blogs pessoais, no início dos anos 2000. Uma época em que essa plataforma era a mais utilizada pelos jovens para falar sobre livros na internet. No entanto, muitos desses blogs e postagens foram apagados, perderam seus domínios ou estão com o acesso restrito, o que dificulta uma análise mais expandida das primeiras aparições do evento. Somado a isso, a comunidade literária, mesmo nesse seu início, já era consideravelmente grande, com vários criadores de conteúdo tendo ideias e criando práticas de leitura, não sendo centralizada em um único criador de conteúdo responsável pelas inovações. Essa estruturação da comunidade dificulta a atribuição de autoria às novas práticas, fazendo com que identificar um possível criador se mostre quase impossível. Apesar disso, fez-se um esforço para encontrar as menções mais antigas possíveis das maratonas em blogs que eram ativos no início dos anos 2000, de forma a tentarmos entender como eram essas primeiras edições do evento e se algumas das ideias intrínsecas a ele já existiam.

Uma das primeiras menções encontradas foi o *48h reading challenge*, organizado pela estadunidense Pam Coughlan em seu blog *MotherReader*, em junho de 2006. Nela, Coughlan convida outros *bookbloggers* para lerem e escreverem resenhas sobre o máximo de livros que conseguirem, em 48 horas. Para participar, bastava que os leitores postassem informações em seus blogs pessoais sobre o desafio, com um link referenciando o post inicial, além de postarem resenhas no decorrer da maratona sobre os livros que estivessem lendo. Isso fazia com que a participação do evento ficasse restrita a pessoas que já faziam parte da blogosfera e tinham blogs pessoais. A primeira edição do evento, que chegou em sua décima e última edição em 2015, contou com quinze participantes.

Apesar de não ser chamado oficialmente de read-a-thon, já seguia o formato das maratonas que conhecemos hoje, incentivando a valorização da quantificação das leituras e gerando certa pressão para que os participantes se esforçassem durante o desafio:

"Você que sabe o quanto você quer se dedicar ao desafio. Se você quiser ficar acordado e não tomar banho, vá em frente (só não fique do meu lado). Se você quiser fazer algo mais relaxado, tudo bem. Mas você tem que

colocar um mínimo de esforço, se não, não é um desafio." (COUGHLAN, 2006)¹⁰

Além disso, o evento já utilizava uma linguagem pertencente ao universo competitivo do esporte. Os posts de contagem regressiva, das regras, do início e do fim do desafio eram intitulados: "on your mark" (em suas posições), "get set" (preparados), "go" (vai), "finish line" (linha de chegada). Os três primeiros exemplos são frases ditas antes da largada em um evento esportivo de corrida. Esse aspecto competitivo era ainda mais marcado pela existência de um prêmio para os vencedores do desafio, ou seja, aqueles participantes que conseguissem ler o maior número de livros e páginas durante o evento. Essa averiguação seria feita a partir de um post de *wrap up* com todos os livros lidos, o número de páginas e a quantidade de horas que passaram lendo. Cada um dos três vencedores recebeu um vale presente de \$35,00 da Amazon para comprar livros, sendo o primeiro lugar do blog *Midwestern loadstar* por ter lido 15 livros, contabilizando 3155 páginas. (COUGHLAN, 2006)

A partir disso, outros eventos desse tipo começaram a ser organizados por diversos blogs, fazendo com que se configurassem como prática comum dentro da comunidade e, em 2008, já era possível encontrarmos posts utilizando o nome que conhecemos hoje: read-a-thon. Kim Ukura (2008), em seu blog *Sophisticated dorkiness* comenta sobre a maratona 24 horas organizada por Dewey do blog *The Hidden Side of a Leaf*, já desativado. O evento seguia uma estrutura similar ao 48h Reading Challenge, com o objetivo de ler o máximo possível durante essas 24 horas e novamente convidando os participantes a postarem atualizações do progresso e das leituras em seus blogs.

Em 2010, maratonas como *Out with a bang*, organizada por Casey do *The Bookish Type* e Heather do *Book-Savvy*, já tinham um período de duração mais extenso, de três dias. Esse evento em específico foi organizado em dezembro e tinha por objetivo incentivar os leitores a conseguirem alcançar a meta de leitura do ano, já mostrando como esse era um número importante dentro da comunidade. Além disso, ela contava com mini desafios organizados em blogs parceiros os quais convidavam os leitores a fazerem brincadeiras relacionadas ao universo literário, mas que não evoluíssem necessariamente a leitura, como: "Use três ou mais títulos de livros para formar

¹⁰ "It's your call as to how much you want to put into it. If you want to skip sleep and showers to do this, go for it (but don't stand next to me). If you want to be a bit more laid back, fine. But you have to put something into it or it's not a challenge."

uma frase" (HEATHER, 2010). Esses desafios deveriam ser completados através de postagens nos blogs pessoais dos participantes.

Já em 2012, Nancy M. Foasberg, em seu texto *Online Reading Communities: From Book Clubs to Book Blogs* (2012), traz as read-a-thons para o meio acadêmico ao analisar a edição de 2021 da High Summer Read-a-thon, entre outras manifestações da cultura leitora on-line, para entender as dinâmicas sociais envolvidas nos eventos, a partir do principal foco do artigo: os blogs literários. Em sua análise, a autora destaca que a "ênfase [das maratonas] era aparentemente no aspecto colecionável da leitura".¹¹ (FOASBERG, 2012, p. 42), mostrando como esse sempre foi o foco dessa prática. Organizada por Michelle Miller no blog *Seasons of reading*, a maratona tinha duração de uma semana, sendo mais extensa do que as vistas anteriormente, e acontecia em duas plataformas: os blogs e o Twitter, não sendo mais exclusiva da blogosfera. No entanto, para participar do evento e dos sorteios de livros, os leitores tinham que se inscrever fazendo postagens em seus blogs, as quais seriam unificadas a partir do uso de uma hashtag oficial. Um desses posts era a TBR, ou seja, os livros que pretendiam ler, e o outro era o wrap up, as leituras que realmente fizeram durante o evento. Dessa forma, o evento continuava restrito àqueles que eram criadores de conteúdo literário, não sendo aberto aos demais leitores.

A maratona contou com 61 participantes, um aumento significativo se comparado ao *48h reading challenge*, mas ainda muito inferior ao que vemos hoje — quando as maratonas podem ter dezenas de milhares de participantes. Isso aponta para o início da formação da comunidade leitora on-line, onde justamente essas práticas que hoje vemos fortemente estabelecidas e reconhecidas dentro da comunidade tiveram suas origens e começaram a se consolidar. Além disso, percebe-se como o aumento do número de participantes dificulta a escolha de um único vencedor da maratona, fazendo com que o prêmio seja sorteado entre os participantes e não mais para o campeão de leituras.

Outro aspecto que diferencia a High Summer Read-a-thon é que parte das atividades eram feitas no Twitter, saindo do ambiente exclusivo dos blogs literários. A plataforma era utilizada como palco para as interações mais casuais entre os participantes, apesar de também o utilizarem como local de compartilhamento dos links para seus blogs, ainda colocando-os como elemento central. Era no Twitter, também, que aconteciam os *sprints* de leitura, uma prática que iremos

¹¹ "The emphasis was apparently on the collectible aspect of reading."

detalhar no próximo capítulo. Evocando novamente a linguagem esportiva, *sprint* é "correr na velocidade máxima em uma distância curta"¹² (SPRINT, 2022). No contexto das maratonas, ele significa os momentos em que um dos organizadores convoca os leitores a dedicarem um período curto — geralmente 30 minutos — para a leitura. O *sprint* se inicia e se encerra com um tweet anunciando o horário de início e a duração. Durante esse tempo, os participantes conferem um esforço ainda maior para lerem e atingirem suas metas, sem distrações. E, ao final, compartilham quantas páginas conseguiram ler. Essa é uma das primeiras menções à prática do *sprint*, a qual, a partir de então, se tornou quase que um elemento obrigatório das maratonas. Esse modelo de read-a-thon presente na High Summer Read-a-thon era, na época, o mais utilizado pelos blogueiros literários, se replicando em diversos blogs.

Já no Brasil, a primeira menção encontrada é de um evento de julho de 2013, chamado Read-a-thon BR, organizado por Babi Lorentz e Camille Thomaz, com duração de uma semana. O nome permanece em inglês por ser uma importação do modelo estadunidense para o Brasil, ressaltado pelas próprias organizadoras do evento. (SAMANTHA, 2013) O nome maratona literária, por sua vez, aparece no mesmo mês em um evento organizado no blog *Por essas páginas*. (VANIA, 2013). É interessante perceber novamente a questão da autoria — ou não-autoria — na blogosfera. Tendo em vista que os criadores de conteúdo não necessariamente se conhecem ou estão cientes de todas as novas práticas ao mesmo tempo. Isso faz com que seja difícil estabelecer uma ordem de influência assim como quem foi a primeira pessoa a organizar as maratonas no Brasil. Nesse caso, vemos dois blogs comentando sobre trazer as maratonas para o Brasil praticamente no mesmo mês, tendo sido inspirados por diferentes blogueiros de língua inglesa e com estruturas similares, a mesma observada na High Summer Read-a-thon, apontando sua consolidação dentro da comunidade.

Com a popularização do YouTube como principal local de criação de conteúdo e o fortalecimento da comunidade dos *booktubers*, as maratonas começaram a ser organizadas por lá. Elas ficaram famosas na plataforma a partir das chamadas *booktubeathons*, com duração de uma semana, organizadas por Ariel Bissett e Raeleen Lemay. (BISSET, 2014) O evento tinha o mesmo objetivo das maratonas dos blogs, ler o máximo possível, junto com outras pessoas. Com sua primeira edição em 2013, a *Booktubeathon* contava com diversos *booktubers* convidados,

¹² "To run or go at top speed especially for a short distance"

denominados *hosts*, e cada um deles era responsável por motivar os leitores em um dos dias da maratona, postando vídeos e fazendo sprints no Twitter, assim como acontecia na High Summer Readathon. Além disso, são introduzidos desafios de leitura a serem cumpridos pelos participantes os quais os ajudarão a decidir que livros irão ler durante o evento. Um deles era "ler 7 livros ou uma média de 300 páginas por dia" (BISSET, 2014) indicando explicitamente como a quantidade é um valor para o evento. E, como Bissett (2014) afirma no vídeo de apresentação dos desafios, algo que te "trará glória".

No vídeo de perguntas e respostas da edição de 2014, Bissett comenta sobre como a *Booktubeathon* é uma celebração do YouTube e do formato do vídeo, algo que ainda não era tão popular entre os leitores como os *bookblogs*. E por isso o evento contava com desafios de vídeos a serem cumpridos junto com as leituras para instigar as pessoas a fazerem atualizações diárias no YouTube e, desse modo, fomentar a formação da comunidade literária na plataforma, que ainda estava começando a se consolidar. Cada dia da maratona correspondia a um desses desafios para os quais convidavam os participantes a, em um vídeo:

- "1) mostrar três livros favoritos que você leu por causa do booktube;
 - 2) encontrar três itens em sua casa que estejam retratados nas capas de livros;
 - 3) desenhar uma capa melhor para um livro;
 - 4) escrever um conto que contenha palavras de três títulos de livros;
 - 5) fazer um arco-íris com os seus livros favoritos;
 - 6) encontrar cinco itens de um dos livros que você leu durante a maratona;
 - 7) mostrar o seu local de leitura durante o evento."¹³
- (BISSET, 2014)

Além desses vídeos, havia desafios extras para as pessoas que queriam participar do sorteio de um livro. Um deles teve mais de 400 entradas. Um número que levou Bisset às lágrimas de emoção ao ver "a comunidade se unindo, fazendo projetos tão bonitos juntos é tão tocante. Ver o quanto vocês se divertiram com esse projeto, e ver como vocês se juntaram a seus amigos, pais e irmãos para completá-los" (BISSET, 2014). Em seguida ela agradece às pessoas por participarem da maratona que, como afirma, "é um incentivo e uma celebração da leitura" (BISSET, 2014) Vale ressaltar que o sorteio foi patrocinado pelo Book Depository, uma livraria on-line, demonstrando como as empresas já começavam a perceber o potencial desses eventos e a sua influência dentro da comunidade.

¹³ "Day One: Show your top 3 book you read because of booktube. Day Two: Find the items on three covers. Day Three: Draw a better cover for any book. Day Four: Write a story using all the words from three titles. Day Five: Make a rainbow of your favourite books. Day Six: Find 5 things from one of the books you've read this week. Day Seven: Show us where you've read during the booktubeathon!"

Apesar disso, não era necessário ter um canal no YouTube e postar vídeos para participar da maratona — diferentemente de quando estas aconteciam nos blogs — fazendo com que ela não fosse mais limitada aos criadores de conteúdo. Desse modo, leitores-espectadores também poderiam participar do evento e ler como os seus *booktubers* favoritos, expandindo o público potencial e a interação entre os leitores. Essa é uma das mudanças mais significativas na história do evento, ao democratizar a participação e o alcance da comunhão entre a leitura e o digital, já que agora passa a incentivá-la em um escopo cada vez maior. Também é interessante notar o caráter internacional da maratona, com Ariel ressaltando que os participantes poderiam ler em qualquer língua que desejassem e os sorteios de livros que aconteceriam durante a maratona seriam abertos para o mundo inteiro.

Todavia, essa migração do local de organização para o YouTube não significa que elas deixaram de ser organizadas nos blogs literários. Assim como observamos na história do livro, o surgimento de uma nova mídia não implica necessariamente na extinção da antiga. O mesmo acontece aqui, fazendo com que a blogosfera e o *booktube* coexistissem por anos. Alguns blogs, inclusive, ainda são ativos e organizam maratonas, apesar de serem um local secundário de criação de conteúdo, não tendo mais tanta influência quanto no início dos anos 2000.

De qualquer forma, essas edições da *Booktubeathon* abriram o caminho para as maratonas que hoje conhecemos, solidificando a prática no YouTube e servindo de inspiração para outros *booktubers* criarem suas próprias versões do evento na plataforma. Essa popularização das maratonas em meio à comunidade ocorreu a partir da rede de propagação na qual blogs, canais e criadores de conteúdo maiores influenciam os menores. Outro fator contribuinte para que o evento ganhasse destaque foi a aceitação do público que, por terem gostado da experiência, mostraram interesse através de posts e da sua participação. Estabeleceu-se, assim, um modelo básico para as maratonas que passou a ser replicado por diversos criadores de conteúdo com poucas alterações. Consolidando-as como parte da cultura leitora na internet e da relação que o leitor 2.0 terá com a leitura. E, dessa forma, fazendo com que conseguissem angariar milhares de participantes mundo afora, se tornando uma prática da comunidade leitora internacional — suas versões francesas são chamadas de FRRAT (*French Read-a-thon*) ou *challenge lecture* e, nos países de língua espanhola, são conhecidas como *maratón de lectura*, por exemplo.

2.2 As maratonas hoje

Após analisar a história das maratonas literárias e sua formação, é o momento de lançar um olhar para as suas configurações atuais, cujos mais variados aspectos funcionam de forma a acrescentar ao modelo básico — ler juntos por um determinado período — e, como consequência, exponenciar os três efeitos desejados: leitura, comunidade e diversão. Seu formato evoluiu junto com as transformações sofridas pelas plataformas e pela comunidade, adaptando-se aos novos modelos de interação on-line. Primeiro, migrando do formato de texto dos blogs para os vídeos do YouTube. Depois, dos desafios em vídeo para desafios em fotos no Instagram, uma rede cujo conhecimento tecnológico para a postagem é mais acessível. E, mais recentemente, o aumento do sentimento de companhia ao passar os sprints que antes eram feitos no Twitter para a TwitchTV.

Mesmo assim, as maratonas de 2022 que iremos analisar continuam a ter a estrutura da concepção original: ler o máximo de livros possível, compartilhar uma TBR, usar a hashtag como elemento centralizador, fazer sprints de leitura e assim por diante. Com isso, hoje vemos inúmeros influenciadores organizando maratonas, as quais se complexificam a cada edição e se utilizam de quase todas as maiores redes sociais — YouTube, Twitter, Instagram, Discord, TwitchTV, Telegram — para gerar interação entre os participantes e uma maior imersão na leitura.

As maratonas hoje se dividem em duas modalidades: maratonas 24 horas e maratonas de longa duração. Tais modalidades irão seguir os mesmos objetivos, porém cada uma delas irá estimular uma participação diferenciada do leitor. Por envolverem um esforço de leitura concentrado durante um período pré-determinado, esses eventos mobilizam duas principais forças: velocidade de leitura e resistência. Forças que são inversamente proporcionais e variam dependendo da duração do evento, ou seja, quanto menor a duração mais concentrado é o esforço exercido pelo leitor, pois precisa ter uma velocidade de leitura maior durante 24 horas para ler o máximo possível. Já em eventos mais longos, ele não precisa ler tão rápido, mas é necessário ter resistência para manter um nível elevado de leitura durante mais de uma semana. Uma configuração que espelha justamente a comparação com o evento esportivo, em que corridas de curta distância envolvem maior concentração de velocidade, enquanto as maratonas demandam uma velocidade menor, porém contínua, baseando-se na resistência do participante.

As maratonas 24 horas seriam como as corridas de 100 metros. Elas acontecem durante um único dia, podendo se iniciar em qualquer horário e terminando no horário correspondente do dia

seguinte, por exemplo, de meia-noite a meia-noite ou das 7h às 7h. Nesse caso, o participante irá se desafiar a passar o máximo dessas 24 horas lendo, parando apenas para se alimentar e dormir. Algumas das maratonas inclusive determinam o ficar acordado como um dos objetivos do evento, para maximizar o tempo de leitura e, conseqüentemente, o número de livros ou páginas lidos.

A *booktuber* Tamirez Santos do canal *Resenhando sonhos* é conhecida no *booktube* brasileiro por ser a maior organizadora dessa modalidade de evento. Anualmente, ela organiza, em média, três edições da denominada *Maratona 24 Horas No Sleep* (em português, 24 horas sem dormir), que já teve dezessete edições desde seu início em outubro de 2017. Esse é um evento no qual Tamirez desafia seus inscritos a passarem essas 24 horas com ela, sem dormir e lendo o máximo possível, apesar de abrir o evento para aqueles que não queiram permanecer acordados, mas que desejam ler com ela da mesma forma. Durante essas 24 horas, ela posta atualizações das leituras nos *stories* do Instagram para proporcionar aos participantes a ideia de estarem todos lendo em conjunto, ao mesmo tempo, e convida os demais leitores a fazerem o mesmo usando a *hashtag* #maratona24hnosleep.

Por se concentrar em 24 horas, é um evento que demanda um esforço mental e físico muito grande, e, como tal, geralmente acontece em feriados, já programando a existência de um dia de descanso após o fim da leitura. Esse tipo de maratona se configura como uma prova de esforço mental e físico. Apesar disso, Tamirez comenta sobre como ela própria e as pessoas que se desafiam a ficar acordadas experienciam uma sensação de satisfação e felicidade ao conseguir vencer o desafio. (SANTOS, 2019)

No vídeo de apresentação da primeira edição da Maratona 24 horas no sleep do *Resenhando Sonhos* (SANTOS, 2017), Tamirez Santos comenta que se inspirou em uma *booktuber* estadunidense, Zoë Herdt, do canal *Read by Zoe*, que já fazia essas maratonas com o elemento extra de permanecer acordada e, por gostar dos vlogs de leitura que esse tipo de desafio produzia, ela decidiu trazer o evento para o Brasil. Percebe-se, então, que a maior parte das tendências e dos formatos da comunidade literária brasileira são importados ou inspirados em conteúdos que surgem primeiramente nas comunidades internacionais, principalmente estadunidenses.

A edição mais famosa do evento foi a em que Tamirez leu, do início ao fim, o livro *It, a coisa*, do escritor Stephen King, uma obra de 1102 páginas. Ela documentou essa leitura em um vlog que tem mais de 35 mil visualizações e é um dos 10 vídeos mais populares do canal. (SANTOS, 2019) Tal esforço fez com que ela se tornasse uma lenda dentro da comunidade, sendo

referenciada toda vez que alguém comenta sobre ler livros grandes, os chamados "calhamaços". Destaca-se, portanto, como a organização das maratonas também tem como objetivo secundário gerar conteúdo para o influenciador literário, angariando seguidores e visualizações a partir da espetacularização do esforço empenhado durante o evento.

Já as maratonas de longa duração — modalidade na qual se enquadra a maratona que será analisada no próximo capítulo — podem durar de uma semana a um mês. Nesse período, os participantes devem ler o máximo de livros possível, mas sem a necessidade de passarem a totalidade das horas disponíveis lendo. Afinal, a maior parte dos leitores trabalha e/ou estuda e não poderia dispensar tanto tempo à leitura. Dessa forma, essa modalidade da maratona se limita a estimular os participantes a trocarem o tempo em que estariam realizando outras atividades de lazer — como assistir a filmes e séries, jogar vídeo game, mexer no celular — por tempo de leitura. Assim, fazem um esforço maior do que o normal, sem precisar ser algo tão concentrado e desgastante quanto nas maratonas 24 horas. No Brasil, o organizador mais famoso dessa modalidade de maratona é o Victor Almeida, do canal *Geek Freak* — também conhecido como GF ou Geefe — que organiza, em geral, duas grandes maratonas por ano: a Maratona Literária de Verão (MLV) e a Maratona Literária de Inverno (MLI). Em entrevista para a autora (ALMEIDA, 2022), ele comenta que sua inspiração para começar a organizar o evento veio de observar as interações que ocorriam durante as *Booktubeathons* organizadas por Bisset e Lemay, novamente apontando para essa importação de práticas e para a rede de influência existente dentro da comunidade.

Por serem mais extensas, essas maratonas permitem que um maior número de atividades aconteça durante o evento, desde a criação de dinâmicas diversas e de um espetáculo às *lives* de leitura. Todos esses elementos extras possibilitam uma maior troca e comunhão entre os participantes, criando sub comunidades on-line que permanecem ativas durante a maratona. Fazendo com que essa modalidade do evento seja a mais propícia ao estudo das relações leitor-livro e leitor-leitor. Assim, vamos analisar esses elementos diferenciados que as compõem e que agem de maneira a exponenciar as ideias por ela representadas: leitura, comunidade e diversão.

2.2.1 Temáticas

Diferentemente da simplicidade característica das primeiras maratonas existentes na época dos blogs literários, as maratonas de hoje são verdadeiros espetáculos, produções multimídias e multiplataformas que se destacam por sua complexidade.

O principal fator para essa construção são as temáticas lúdicas ao redor da qual são construídas, e que fazem parte do universo simbólico dos leitores que nela irão participar. Como, por exemplo os temas de:

- Fantasia em *Make Your Myth Taker*¹⁴, maratona organizada por Ashleigh do canal *A frolic through fiction*. Nela, os participantes escolhiam um personagem e, através de suas leituras, completavam desafios para construir a aventura dele.
- Harry Potter na *Magical Readathon*¹⁵ do canal *Book roast*, fazendo com que os fãs da saga pudessem escolher suas casas e as matérias de Hogwarts que queriam cursar.
- Mitologia grega na *MLV2021*¹⁶, na qual centenas de leitores se fantasiaram de deuses gregos para ganhar a Batalha do Olimpo.
- Agatha Christie na *MLI2021*¹⁷, que contou com uma minissérie produzida e estrelada pelos *booktubers*.

A escolha de um tema conhecido pelo grupo possibilita a mobilização de afetos e de uma pré-existente construção afetiva de fãs com o objeto explorado. Por exemplo, fãs de Harry Potter se animam a participar da *Magical Readathon* principalmente por ela trazer elementos da série, cativando-os e motivando-os a lerem por causa da identificação que sentem com aquele universo.

O principal facilitador dessa construção se mostra a partir da aproximação entre o gosto literário do *booktuber* e o das pessoas inscritas em seus canais, ou seja, participantes e organizadores partilham um conjunto similar de temas que lhes são caros. Essa identificação é fruto da própria estrutura das redes sociais e do “bombardeio” de informações do mundo moderno, que conferem aos influenciadores um papel de curadoria. Isso acontece pois eles funcionam como filtro de qualidade, algo cada vez mais necessário com a publicação mensal de inúmeros livros.

¹⁴ #Makeyourmythtaker Readathon Announcement!!. Disponível em: <https://youtu.be/qiL8bh70FXs>. Acesso em: 16 fev 2022.

¹⁵ Year 3 of O.W.L.s Magical Readathon - Announcement! | Book Roast. Disponível em: <https://youtu.be/QRuZ4EBkiKA>. Acesso em: 16 fev 2022.

¹⁶ Maratona Literária de Verão 2021 | Apresentação. Disponível em: <https://youtu.be/e2L4kJOODM4>. Acesso em: 16 fev 2022.

¹⁷ Maratona Literária de Inverno 2021 | Apresentação + TBR. Disponível em: <https://youtu.be/imXJ2jGTnRE>. Acesso em: 16 fev 2022.

Segundo Corrêa e Bertocchi (2012, p. 5), "na medida em que ocorre a expansão da sociedade digitalizada, o termo curadoria passa a ser utilizado para uma diversidade de ações que envolvem organização de dados a partir de critérios ou recortes". Nesse cenário, o comunicador ou influenciador assume o papel de curador dos livros, ação que "depende de habilidades e competências individuais exercidas num dado recorte temático" (CORRÊA, BERTOCCHI, 2012, p. 5), e não necessariamente de uma formação profissional.

Então os leitores procuram em meio à comunidade *booktuber* aqueles criadores de conteúdo que façam resenhas e comentem os livros que mais se aproximam de seus gostos literários, para, assim, receberem recomendações que sejam de seu interesse. O que possibilita o compartilhamento de uma bagagem literária e de interesses entre as pessoas que fazem parte de um nicho específico. E é justamente a partir desse universo comum que são escolhidos os temas. Esse tema se torna, então, o elo que guia e une os demais aspectos da maratona, funcionando enquanto elemento centralizador e fornecendo integridade semântica ao evento.

No entanto, esses temas também servem como ponto de partida para a criação de uma narrativa que, apesar de não estar diretamente relacionada com a leitura dos livros em si, motiva a participação na maratona, tornando-a um verdadeiro espetáculo. O tema da *MLI2021*, conhecida como "MLI e o Assassinato na Biblioteca", por exemplo, foi Agatha Christie e, a partir dela e de suas histórias de suspense, Victor Almeida decidiu produzir uma minissérie com nove outros *booktubers*, inteiramente gravada à distância. Nessa produção, cada um *booktubers* que estava participando enquanto apresentador era um personagem da minissérie: um dos membros de uma sociedade secreta que colecionava livros raros. Todos estavam sendo interrogados por um detetive, pois eram suspeitos na investigação do assassinato do administrador da biblioteca, estrelado por Paulo Ratz, do canal *Livraria em casa*. Além disso, cada um dos personagens pertencia a uma família prestigiada dentro da sociedade e os sobrenomes escolhidos foram inteiramente inspirados em autores conhecidos e queridos pela comunidade de leitores que seguem o Victor Almeida: Atwood, Sanderson, Quinn, Coben e Green.

Assim, após assistirem ao trailer, lerem a sinopse da minissérie e se inteirarem das demais informações da maratona, os leitores eram convidados a apostarem em um dos personagens como culpado, no próprio formulário de inscrição da maratona e a darem palpites usando a hashtag do evento (*#MLI2021*) e um *template* oficial cujo design próprio para Twitter e stories do Instagram, foi feito pelo próprio Victor. A partir disso, no decorrer do evento, cada um dos seis episódios foi

lançado ao vivo na TwitchTV e disponibilizado alguns dias depois no YouTube, até o último dia do evento, quando o episódio final foi transmitido e os participantes finalmente descobriram o culpado e todos que haviam adivinhado concorreram a um sorteio. Os episódios tinham duração de 15 minutos e, após sua transmissão, os espectadores permaneciam na *live* para comentarem e depois lerem juntos.

Essa maratona do Victor Almeida foi um dos exemplos mais marcantes do uso das temáticas como propulsoras de um espetáculo multimídia inspirado na literatura, transformando a experiência do leitor em algo que transcende a mera leitura textual e angariam ainda mais participantes. A *MLI2021* bateu o recorde de participação das maratonas no Brasil com mais de 13.500 inscritos e conquistou a atenção da mídia, sendo tema de reportagens do jornal *O Globo* (TORRES, 2021) e da *Folha de Londrina* (SOARES, 2021), mostrando como a espetacularização é uma ferramenta para ampliar a área de influência do evento e, conseqüentemente, incentivar a leitura.

No entanto, vale ressaltar que a existência de um tema não implica necessariamente na leitura exclusiva de livros que se encaixem nele, como é ressaltado no vídeo de apresentação. Assim, não é porque a maratona tem a temática de Agatha Christie que só é permitido ler livros de suspense durante o evento.

2.2.2 Escolhendo as leituras

A escolha das leituras também está inserida nessa lógica de espetacularização e complexidade. Essa escolha é conhecida a partir do nome TBR, ou lista de leitura. Uma sigla muito conhecida e disseminada internacionalmente dentro da comunidade on-line de leitores, TBR significa, em seu aspecto literal, *to be read* (a ser lido, em tradução nossa), e, mais especificamente, se refere a uma lista de livros que se pretende ler. Um exemplo que já citamos é a TBR física, outro, é a produção de vídeos e posts mensais de TBR, nos quais os criadores de conteúdo mostram as leituras que pretendem fazer no mês seguinte, o que já se tornou um modelo clássico dentro do *booktube* e *bookstagram*. Todavia, TBRs podem ser feitas para as mais diversas ocasiões, inclusive para maratonas literárias, fazendo parte do evento desde a primeira edição do 48h reading challenge em 2006.

Cada maratona fará com que os participantes montem suas TBRs de formas diferentes. Variando desde as mais simples, nas quais o leitor se vê livre para escolher qualquer livro — algo cada vez mais raro nas maratonas de longa duração —, até as mais complexas, envolvendo leituras conjuntas, desafios, competições, entre outros. Algumas delas se mostram mais recorrentes do que outras, mas todas se destacam como elementos lúdicos que inspiram diversão e interação entre os participantes.

A primeira que iremos analisar são as leituras conjuntas, também conhecidas como leitura coletiva ou *buddy reading*, nas quais todos os participantes da maratona irão ler o mesmo livro ao mesmo tempo, se diferenciando do clube do livro por não possuir um caráter periódico. Dessa forma, o livro — ou os livros — da leitura conjunta é escolhido pelo organizador e divulgado no vídeo ou post de apresentação para que os participantes tenham tempo de adquiri-lo. Apesar de não serem exclusivas de maratonas, elas podem fazer parte da montagem da TBR de forma a conferir um elemento a mais na produção da sensação de comunidade durante a maratona, tendo em vista que a leitura do mesmo livro propicia trocas e conversas entre os participantes nas redes sociais.

Um exemplo aconteceu na MLV 2021, organizada pelo canal *Geek Freak* e com a temática de deuses do olimpo, em que os participantes eram divididos em três times — cada um liderado por um *booktuber* —, cada qual com uma leitura coletiva diferente: o time Zeus leu *Enraizados*; o time Poseidon, *Porém bruxa*; e o time Hades, *O fundo é apenas o começo*. Ao final da maratona, cada um dos *booktubers* organizou uma *live* de discussão do livro em seu canal do YouTube, onde conversaram com os espectadores sobre suas impressões. (ALMEIDA, 2021)

A segunda, e mais recorrente, são os desafios — também conhecidos como *prompts* — que consistem em pequenas descrições nas quais o livro escolhido deve se encaixar. Já presentes na primeira *Booktubeathon*, eles podem ser simples e gerais — "leia um livro de ficção científica" —, baseados em alguma característica física do livro — "leia um livro com capa azul" ou "leia um livro com mais de 500 páginas" —, no enredo — "leia um livro que se passa em um lugar que não seja o Brasil ou os Estados Unidos" —, na repercussão do livro — "leia um livro com média de pelo menos 4 estrelas no Skoob ou Goodreads" —, entre tantos outros. E, para completá-los, o participante deverá terminar de ler um livro que se encaixe na descrição. Esses desafios servem para complexificar a escolha dos livros, conferindo a ela um elemento diferenciado e lúdico que torna as leituras algo desafiador e diferente das leituras normais feitas no decorrer do ano.

Tais desafios, no entanto, podem ser escolhidos ou estipulados a partir de diferentes maneiras. Geralmente, os participantes são divididos em equipes, personagens ou caminhos e cada um deles terá uma lista diferente de desafios. Um exemplo interessante é a *Magical Readathon* organizada pelo canal *Book Riot*, na qual os participantes devem escolher qual carreira dentro do universo mágico de Harry Potter eles querem seguir — professor de Hogwarts, quebrador de maldições, designer de varinhas, auror, funcionário do Ministério etc. — e, para conseguir se qualificar para essa profissão devem passar nas matérias necessárias — Herbologia, Transfiguração, Poções etc. Nesse caso, cada matéria representa um desafio de leitura específico o qual deve ser completado para que o participante seja aprovado e atinja seu objetivo final.

Outro exemplo interessante é a *Maratona Literária de Outono de 2018*, também no canal *Geek Freak*, em que os desafios eram sorteados a partir de uma roleta da sorte¹⁸, a qual o participante deveria rolar quantas vezes quisesse para montar a sua TBR.

Figura 1 – Roleta de TBR da MLO2018



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SEZSIci2-Oc>

Os desafios das maratonas também podem servir para alimentar uma competição, ou seja, os participantes são divididos em times e a equipe que completar mais desafios vence a maratona.

¹⁸ Disponível em: <https://wheeldecide.com/index.php?id=195855>. Acesso em: 20 de jan de 2019.

Na *Whatever-You-Want-A-Thon* do canal *book browsing blog*, havia um sistema complexo de pontuação em que cada livro e, dependendo dos desafios nos quais se encaixava, corresponderia a mais ou menos pontos. O objetivo da maratona era acumular o máximo de pontos para a sua equipe. Para contabilizá-los, os participantes cadastraram as leituras finalizadas em um formulário do Google Forms que somava esses pontos automaticamente. A equipe que acumulasse o maior número de pontos, era tida como a ganhadora do evento. Nesse contexto, os leitores estavam inseridos em um ambiente competitivo que os incentivava a ler mais do que os demais participantes para que a sua equipe pudesse sair vencedora. (BROWSE, 2021)

Todos esses exemplos demonstram um desejo de inserir elementos lúdicos e interativos no processo de escolha de livros e até mesmo na leitura em si, transformando-a em uma "missão" a ser cumprida para se completar um objetivo final. Isso acontece através da introdução de aspectos de jogos e videogames para motivar os participantes e a aumentar a diversão, a leitura e a interação. Tal estruturação vem sendo cada vez mais explorada, complexificando a experiência da leitura durante o evento. Esse impulso por trazer elementos característicos de jogos e videogames não é exclusivo das maratonas literárias, sendo uma característica com influência crescente no século XXI e sendo conceituada com o nome de gamificação. Ele será analisado no próximo capítulo.

2.2.3 A leitura ao vivo: *lives*

Por fim, outro elemento recente das maratonas literárias que incorpora as lógicas motivadoras do evento e funciona de forma a potencializá-las são as *lives* de leitura. Utilizando majoritariamente as plataformas YouTube e TwitchTV, os influenciadores literários fazem *lives* nas quais leem ao vivo com seus espectadores. Esse estilo de conteúdo é uma derivação do fenômeno internacional de vídeos de incentivo à produtividade, os quais, ao proporcionarem ambientes calmantes e a comunhão com o "outro", propiciam uma regulação do comportamento.

O exemplo mais famoso desse tipo de conteúdo são os vídeos *study with me* (estude comigo, em português). Em *Personalizing ambience and illusionary presence: How people use study with me videos to create effective studying environments* (LEE et al, 2021), os autores analisam esses vídeos cujo único conteúdo é uma pessoa estudando em tempo real e o percebem como ferramenta para autorregulação do estudo e da concentração. Segundo Lee et al (2021), esses vídeos desempenham um papel triplo: como agente motivador, como forma de mitigar as

distrações do celular e as auto interrupções e como suporte emocional derivado do senso de comunidade. Além disso, os autores destacam cinco principais motivações para assistir a esses vídeos:

"(1) ser motivado pelo criador estudando no vídeo, (2) ganhar um senso de estar estudando junto com alguém, (3) controlar sua atmosfera de estudo de forma fácil, (4) reduzir o custo de criar um ambiente propício ao estudo, e (5) mitigar a distração do celular." (LEE et al, 2021)¹⁹

O mesmo acontece nas *lives* de leitura, um tipo de conteúdo que segue uma estrutura similar aos vídeos *study with my*, mas que migram o objetivo central do estudo para a leitura. Produzidas internacionalmente, essas *lives* ganharam relevância no Brasil a partir das maratonas literárias organizadas pelo Victor Almeida e pelas *lives* da *booktuber* Pam Gonçalves, se popularizando ainda mais desde 2020, em decorrência da pandemia da covid-19. Emulando os efeitos de autorregulação dos vídeos *study with me*, as *lives* de leitura surgem enquanto ferramenta de incentivo à produtividade, cujo formato é inspirado na Técnica Pomodoro, criada por Francesco Cirillo nos anos 80. Este método propõe dividir uma tarefa ou uma atividade em períodos curtos de foco intenso, chamados *sprints*, geralmente de 25 minutos, intercalando-os com pausas breves, de 5 minutos. (FRANCESCO CIRILLO, 2022)

Sendo assim, nas *lives* de leitura, os *sprints* seriam momentos dedicados à leitura. Nesses períodos, o som do *booktuber* é silenciado e, em seu lugar, toca uma música *lo-fi* ou barulhos ambientes (conhecidos como ASMR) de chuva ou lareira. Esse som de fundo funciona como ferramenta de relaxamento e de diminuição da ansiedade, e é um estímulo a mais para fazer com que os espectadores permaneçam concentrados em suas leituras. Já as pausas se destacam como momentos de maior comunhão entre os leitores e o *streamer* (denominação dada a quem está apresentando a *live*) por serem marcadas por conversas sobre assuntos diversos e discussões acerca das leituras que estão sendo feitas. A partir da sucessão desses intervalos de tempo segmentados, as *lives* se configuram como eventos de média ou longa duração, normalmente de 3 a 6 horas, apesar de alguns *booktubers*, como por exemplo o Victor Almeida e a Tamirez Santos, já terem feito *lives* de 12 horas ininterruptas.

No entanto, vale ressaltar que o formato do sprint dentro das maratonas já era algo existente antes mesmo das *lives* surgirem. No texto *Online reading communities* (FOASBERG, 2012, p.

¹⁹ "(1) to get motivated by a creator studying in video, (2) to gain the sense of studying together, (3) to control their studying ambience easily, (4) to reduce the cost of creating a study-friendly ambience, and (5) to mitigate distraction from smartphone."

42), a autora cita que as read-a-thons que aconteciam na blogosfera em 2012 já utilizavam esse mesmo formato para incentivar períodos de foco na leitura. Esses sprints, geralmente anunciados no Twitter, se iniciavam quando o organizador postava um tweet sinalizando que estaria lendo por 30 minutos, por exemplo. Segundo Foasberg (2012), durante esse período, a hashtag da read-a-thon se silenciava e, ao final, os participantes faziam posts sobre o seu progresso na leitura. Agora, ao transmutarem essa ferramenta para o formato das *lives*, cria-se o sentimento de simultaneidade da leitura, transmitindo algo que era simplesmente textual para a observação ao vivo de alguém lendo com o participante.

A partir do uso desses *sprints*, as *lives* de leitura reforçam uma lógica de silenciamento das notificações — de distanciamento das intensas e frenéticas distrações da internet e do mundo moderno —, tendo em vista que eles requerem que o leitor se desprenda do celular e se dedique à leitura por um período determinado. Nesse sentido, ao se unirem ao já existente estímulo das maratonas, funcionam como um elemento potencializador do incentivo à leitura — tanto para o *booktuber* quanto para seus espectadores — aumentando ainda mais o saldo final do número de livros durante o evento.

Além disso, realizar uma atividade "solitária", no caso, a leitura, na companhia de outras pessoas em tempo real permite uma aproximação entre os espectadores e, também entre espectador e *streamer*. Esse formato facilita ainda mais a sensação de pertencimento a uma comunidade de leitores, sentimento que é parte imprescindível das maratonas literárias. Essa lógica é ainda mais potencializada quando as *lives* de leitura envolvem diversos *booktubers* lendo ao vivo na frente da câmera ao mesmo tempo, cada um em sua própria casa. No entanto, vale ressaltar que a interação não se limita à relação entre o *streamer* e o espectador, acontecendo também entre os próprios leitores e fortalecendo o senso de comunidade ali criado. Esse aspecto se estabelece, principalmente, na possibilidade de conversas e trocas no *chat* da *live*, onde leitores comentam sobre assuntos diversos, sobre os livros que estão lendo, sobre seu progresso na maratona etc, tanto nos intervalos como durante os sprints.

A aceitação desse conteúdo pelo público foi tão significativa que gerou uma demanda para que houvesse uma maior recorrência nas transmissões. Dessa forma, uma iniciativa que começou como algo esporádico, ocorrendo somente em ocasiões especiais como a abertura e o encerramento das maratonas, passa a fazer parte do cotidiano dos leitores e a tomar quase que inteiramente o período da maratona. A *MLI2021*, por exemplo, contou com mais de 330 horas de *lives*

consecutivas, ou seja, no decorrer da maratona, havia *lives* acontecendo durante as 24 horas do dia, inclusive na madrugada. Para que isso pudesse acontecer, o Victor Almeida convidou mais de quarenta influenciadores literários para, junto com ele, se revezarem na transmissão dessas *lives* e, assim, acompanharem os leitores a todo momento no decorrer do evento. É interessante perceber como essa recorrência fomenta um hábito diário e prolongado da leitura, incentivando o leitor a se dedicar àquela atividade e a incorporá-la no dia a dia. Além disso, os diferentes horários são uma maneira de se acomodar aos leitores que estivessem trabalhando ou estudando no decorrer do evento e, por isso, só poderiam assistir às *lives* em períodos de folga.

Assim, apresentamos a história das maratonas literárias, alguns de seus principais elementos e como hoje em dia elas se configuram ao redor da construção de espetáculos temáticos e das *lives* de leitura.

3 UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA DA *MARATONA LITERÁRIA DE VERÃO DE 2022*

3.1 Etnografia

Neste capítulo iremos analisar uma maratona específica, a *Maratona Literária de Verão de 2022 (MLV2022)*, organizada pelo *booktuber* Victor Almeida, do canal *Geek Freak*. A partir dela, buscaremos entender como essa prática de leitura que existe há mais de 15 anos na comunidade cria manifestações da atividade leitora e novas relações leitor-leitura. Para isso, realizamos um estudo etnográfico.

O estudo etnográfico não se reduz a um mero método da pesquisa antropológica. Segundo Geertz (1998, p. 7), a etnografia é uma "descrição densa" que se destaca por ser "um processo de interpretação que pretende, e espera-se consiga, dar conta das estruturas significantes que estão por trás e dentro do menor gesto humano", como analisa Travancas em seu texto *Fazendo etnografia no mundo da comunicação* (2006). Nesse caso, o trabalho do pesquisador passa a ser apreender e, em seguida, apresentar "uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas" (GEERTZ, 1998, p. 7) que fazem parte de uma cultura ou de um fenômeno social. A partir disso, busca-se entender essa cultura com profundidade e a lógica que a estrutura. Sendo assim, neste trabalho mergulhamos não apenas na cultura leitora das redes sociais, mas nas maratonas literárias.

Por fazer parte dessa cultura e já ter participado de alguns desses eventos, precisei vivenciar, enquanto pesquisadora, um processo de transformação do familiar em exótico, como destaca Travancas (2006), experimentando o "estranhamento" dentro da minha própria cultura. Assim, pude vivenciar as maratonas não mais como leitora, mas como pesquisadora. Utilizando, então, um olhar que percebe pela primeira vez, que estranha, que questiona e, a partir disso, analisa questões que não surgem normalmente para os outros participantes.

Assim, para realizar esse estudo etnográfico, fez-se uso da observação participante da maratona escolhida como instrumento de análise. Tal participação envolveu a escolha de um dos times, a leitura de livros que se encaixavam nos desafios, o acompanhamento das *lives* e a interação com os demais participantes nos chats. Um processo que foi especialmente interessante por nunca

ter participado com tanta intensidade desses eventos e, pela primeira vez, ter acompanhado as atividades, os posts nas redes sociais e as interações entre os participantes.

As maratonas literárias, incluindo a *MLV2022*, no entanto, são eventos inteiramente on-line, cuja participação e atividades não envolvem em momento algum o encontro físico entre os leitores. Tendo isso em vista, buscou-se abordagens etnográficas que fossem voltadas a esse tipo de fenômeno cultural virtual, dentre as quais destaca-se as propostas pelas antropólogas Débora Leitão e Laura Graziela Gomes (2017). Leitão e Gomes (2017) propõem três possíveis sensibilidades etnográficas para se abordar a presença do pesquisador em um campo inteiramente on-line e as estratégias adotadas. A escolha de uma dessas abordagens deve levar em conta as "agências e as lógicas estruturantes das plataformas, em decorrência do que seu ambiente propicia, e dos modos de usos e engajamentos que elas engendram" (GOMES, LEITÃO, 2017, p. 45). Optou-se, então, pela perambulação, também conhecida como observação flutuante. Segundo elas, essa abordagem envolve deixar-se levar pelos ritmos, topografias, deslocamentos dos internautas, quase que assumindo a postura do *flâneur* no ambiente on-line da maratona. Tal postura etnográfica envolveu usar a perambulação pela hashtag da maratona e seguir os participantes do evento em suas interações nas *lives* de leitura. Escolheu-se essa abordagem porque nesse caso o evento era permeado por:

“socialidades que se estabelecem de modo mais fraturado, mais fragmentado, nas quais o perfil/conta é menos central, e nas quais as interações se dão mais pelo engajamento com determinadas *tags*, determinado assunto em meio ao burburinho, sem que se tenha necessariamente o desejo de articulação com o outro em sua totalidade.” (GOMES, LEITÃO, 2017, p. 50)

E é justamente como as interações se dão durante a maratona, seja através da *hashtag* da maratona no Twitter ou nos chats das *lives*. Nesse caso, o anonimato ocupa um papel central, tendo em vista que os perfis muitas vezes têm nomes codificados que não correspondem ao nome de seus usuários. Ao invés disso, muitos preferem usar identificadores que são inspirados em palavras do universo literário, como por exemplo *@harrypottermood*²⁰. A identidade dos participantes no mundo não-virtual é, portanto, irrelevante para que as interações aconteçam durante o evento. Resultando no caráter efêmero das relações que se formam a partir dessas trocas e conversas no chat das *lives* ou através de posts do Twitter.

²⁰ Disponível em: <https://twitter.com/harrypottermood>

A partir dessa conceptualização do estudo etnográfico e suas possibilidades dentro do ambiente virtual das maratonas, partimos para um processo de escolha sobre qual maratona seria a mais adequada para a análise. Primeiramente, optou-se por analisar uma maratona brasileira, por querermos nos debruçar sobre os leitores do país, definindo o campo com mais direcionamento do que uma maratona de língua inglesa proporcionaria, por ser aberta para leitores do mundo inteiro. Além disso, as maratonas brasileiras proporcionam uma etapa de análise a mais por trazerem um elemento inédito e inexistente na comunidade de leitores internacionais: a migração das maratonas do YouTube para a TwitchTV, um fenômeno que surgiu e só existe no Brasil. Sendo assim, analisar uma maratona brasileira permite entender os impactos dessa nova plataforma no evento e as maneiras como os leitores brasileiros se relacionam com a leitura.

Dentre as maratonas brasileiras que utilizam a Twitch como plataforma, utilizamos como critério de escolha a importância do organizador dentro da comunidade. Ou seja, a posição de referência que ele ocupa enquanto organizador das maratonas e a recorrência com a qual ele as organiza. Nesse sentido, o *booktuber* Victor Almeida se destacou como a escolha mais acertada. Além de organizá-las duas vezes ao ano, suas maratonas lançam tendências dentro da comunidade brasileira, se destacando por sua originalidade. Uma das edições de 2021 chegou, inclusive, a repercutir fora da comunidade leitora on-line chamando a atenção de veículos de informação como o jornal *O Globo* (TORRES, 2021) e a *Folha de Londrina* (SOARES, 2021).

Suas maratonas também são aquelas com o maior número de participantes, tendo alcançado o recorde de inscrições na *MLI2021* com mais de 13.500 inscritos. Portanto, as maratonas organizadas por ele se mostram um ótimo objeto de estudo por revelarem o impacto que esses eventos têm dentro da comunidade leitora. Escolhemos, então, a *Maratona Literária de Verão de 2022* como foco do trabalho.

3.2 Maratona Literária de Verão 2022

A *Maratona Literária de Verão de 2022* (MLV 2022), chamada de Revolução MLV ou Revo-22, aconteceu entre os dias 8 e 22 de janeiro de 2022. Ela marca o início do 9º ano de maratonas do canal *Geek Freak*, que já organizou mais de vinte desses eventos, e contou com 11.500 participantes. Esse número corresponde aos leitores que se inscreveram no formulário disponibilizado no vídeo de apresentação do evento, mas vale ressaltar que vários participantes se

esquecem de realizar a inscrição a tempo. Dessa forma, pode-se inferir que havia mais participantes do que a quantidade de inscritos. Já o vídeo de apresentação da maratona tem quase 50 mil visualizações, mais de 600 comentários e 10 mil curtidas.

De forma a criar uma expectativa em cima da maratona, Almeida começou a divulgar informações no dia 1º de novembro:

Figura 2 – Post de anúncio da MLV2020 no Twitter



Disponível em: <https://twitter.com/clubedogeeffe/status/1455176254542520324>

Esse post já apresentava o tema da maratona, assim como a identidade visual do evento. Inspirado na temática de distopia, um subgênero da ficção científica, envolvendo governos totalitários e grupos rebeldes, o tema dessa edição é *Revolução MLV*, uma homenagem não só a livros como *1984* e *Jogos Vorazes*, mas ao subgênero como um todo, como aponta Almeida no vídeo de apresentação.

Assim que o tema distopia foi anunciado, os leitores começaram a fazer posts referenciando *Jogos Vorazes* e mencionando que estavam animados para "incorporarem a Katniss", a personagem principal da franquia:

@Nik_thp: "Vem aiiii, já vou buscar meu arco e flecha q eu quero ser a Katniss nessa revolução"

@EdvaldoMarcilio: "Já dizia a Mlv Everdeen 'Se nós lermos, você lerá conosco'²¹"

@joybookss: [GIF de uma cena do filme *Jogos Vorazes*] "And may the odds be ever in your favor"²²

Essas reações apontam para o universo comum que existe entre esses leitores e os influenciadores literários que seguem. E, ao escolher um tema conhecido pelo grupo e que faz parte desse universo, a maratona mobiliza afetos e, através disso, inspira a participação. Em cima do conceito, é, então, criada uma narrativa que servirá de guia para as atividades da maratona. Nesse caso, a maratona se passa em um universo onde existe um governo totalitário sediado na cidade Novo Éden, um local privilegiado de alto luxo, e os leitores fazem parte da revolução, mais especificamente, do grupo rebelde chamado Revo-22 que irá tentar derrubar esse governo.

Os rebeldes são, então, divididos em cinco grupos ou funções, cada um liderado por um *booktuber* diferente, e os participantes da maratona escolhem a qual grupo querem pertencer. Primeiro, temos a Guerrilha, liderada por Bruno Neute Borges do canal *Navegando*, que é a linha de frente nessa guerra contra o Novo Éden; os Espiões, liderados por Barbará Sá, que se infiltram no governo para conseguir informações; os Batedores, liderados pela Liv do *Livresenhas*, que são responsáveis por sondar o terreno e conseguir os suprimentos; os Hackers, liderados pelo Victor Almeida; e, por último, os Estrategistas, liderados pelo Paulo Ratz, do *Livraria em casa*, aqueles que irão bolar os planos e as estratégias da revolução.

De forma a propiciar uma imersão nessa narrativa, Victor Almeida, formado em design, criou uma identidade visual para cada um dos elementos desse universo distópico. Além disso, os *booktubers* líderes de cada um dos grupos se fantasiavam de seus personagens.

²¹ Referência a uma frase do livro e do filme *Em chamas*, continuação de *Jogos Vorazes*: "Se nós queirmos, você queimará conosco".

²² "Que a sorte esteja sempre a seu favor" (fala do livro *Jogos vorazes*)

Figura 3 – Victor Almeida fantasiado de *hacker*



Disponível em: <https://twitter.com/clubedogeefe/status/1471223538950361089>

3.2.1 Sistema de missões

Em um sistema inédito nas maratonas do *Geek Freak*, cada uma dessas divisões da Revo-22 precisa cumprir missões para que o objetivo final, derrubar o Novo Éden, seja atingido. E, para completá-las, os leitores precisam ler um livro que se encaixe no desafio de leitura correspondente àquela missão. Por exemplo, a primeira missão da Guerrilha é "derrotar pacificamente os guardas da muralha do Novo Éden" e, para cumpri-la, o participante que fizer parte dessa divisão da Revo-22 precisará "ler um livro premiado". Ao terminar tal leitura, a próxima missão será liberada. "Como se você estivesse ali fazendo o passo a passo para derrubar a capital." (ALMEIDA, 2021) Para receber essas próximas missões, a maratona contava com um formulário Google chamado Central de Missões²³ onde os leitores cadastravam o e-mail, a divisão à qual pertenciam e as leituras que fizeram para completar a missão. No total eram cinco missões e completá-las era equivalente a derrubar o governo totalitário e, conseqüentemente, "vencer" a maratona. Ao cadastrar a leitura da última missão, o leitor recebia a mensagem: "O governo do Novo Éden foi derrotado graças à sua ajuda nas atividades da Revolução. Muito obrigado!".

²³ Central de missões da *MLV2022*. Disponível em: <https://forms.gle/98saBmEK2gbkigah9>

Esse número "mínimo" para ser bem-sucedido no evento aponta para uma capacidade média de leituras que os leitores maratonistas conseguem fazer em duas semanas — um número que é superior à média nacional de livros lidos por ano. Considera-se uma média porque vários leitores conseguem ultrapassar e até mesmo dobrar esse número durante a maratona, chegando a 10 livros lidos, enquanto outros não conseguem alcançá-la. Assim, o número de missões funciona como um norte para as leituras que serão feitas, estipulando um número mínimo que os participantes devem tentar alcançar.

No entanto, todas as missões não estavam disponíveis no início da maratona, sendo liberadas aos poucos no decorrer do evento. Ou seja, mesmo que o participante completasse a primeira leitura em um dia, ele teria que esperar até que a segunda fosse liberada. Algo que existia para que os leitores não "burlassem o sistema" e descobrissem as missões antes de completarem as leituras. Mesmo assim, todas foram liberadas na primeira semana da maratona porque o próprio organizador reconhece que os participantes têm ritmos de leitura diferentes, sendo alguns mais rápidos do que outros.

Essa maneira de escolher as leituras no decorrer do evento, ao invés de no início, representou uma ruptura com o que era feito nas maratonas anteriores. Esses desafios costumavam ser divulgados no vídeo de apresentação da maratona, possibilitando que os leitores iniciassem o evento já tendo toda a TBR montada, um elemento importante desses eventos, como citamos no capítulo anterior. Almeida comenta no vídeo de apresentação que a decisão de fazer a maratona dessa forma teve como objetivo proporcionar algo novo, diferenciado do formato já tão repetido da montagem da TBR. Ele próprio comenta que não se adapta muito bem ao formato da TBR, preferindo ir decidindo as leituras aos poucos dependendo da vontade do momento. Assim, ao não se prender a uma lista estática de livros, o esquema das missões seria uma tentativa de aliviar um pouco o peso da obrigatoriedade da TBR. As missões serem liberadas aos poucos foi, então, uma maneira de proporcionar essa experiência de leitura mais flexível para os participantes. Além de estimular uma interação entre os participantes que não se resume a só um post de TBR no início da maratona. Sendo feita recorrentemente no decorrer do evento, a cada vez que o leitor completasse um desafio.

Esse formato, no entanto, por ser uma novidade, causou certo estranhamento nos leitores ao ser anunciado. Antes do vídeo de apresentação da maratona, Almeida anunciou no perfil do Twitter do evento que a maratona não teria TBR, um tweet com mais de 60 respostas, o que

provocou diferentes reações nos leitores. Enquanto alguns estavam nervosos com a incerteza de como seria a maratona: “Aí meu deus não faz isso comigo não, eu leio com metas” (CISCATI, 2021); outros receberam a notícia com entusiasmo por não gostarem de TBR: "Nunca participei mas achei esse negócio de missão bem bolado... eu tenho problemas com TBR então ter um livro por vez acho que pra mim funciona melhor... vou me inscrever e ver o que consigo concluir". (ALVES, 2021) Mesmo assim, no geral, a recepção do público foi bem positiva. No vídeo de apresentação, os comentários eram:

Naiara Paixão: Quando se pensa em criatividade e inovação no booktube, Geefe é o nome, eu amo que a cada ano as maratonas ficam mais interessantes. Ler realmente é uma revolução.

Juliana Azevedo: As maratonas literárias não me deixam esquecer do quão incrível é a comunidade do booktube brasileira! Nunca vi isso em lugar nenhum, é uma galera única, criativa, unida, dedicada, foda demais! Parabéns por mais uma ML, geefinho

Laíse Andrade: Esse formato de maratona ta INCRÍVEL! Pessoas q não cumprem tbr sendo representadas

Franciely Bastos: aaaaaaa to empolgada! a mlv do ano passado foi o que me fez voltar a ler depois de muuuito tempo, por mim tinha maratona todo mês

Vale ressaltar que os desafios não eram obrigatórios, sendo possível participar da maratona apenas se dispondo a ler nessas duas semanas, junto com todos os demais participantes e leitores. E, como o próprio Vitor Almeida ressalta: "não tem fiscal da leitura, não tem polícia que vai bater na sua porta". Tal fala demonstra uma certa experiência de maratonas passadas, nas quais ele sempre recebia muitas perguntas detalhistas sobre os desafios e as supostas “regras” do evento. Em entrevista para a autora, Vitor Almeida comenta que sempre se surpreende com o quanto as pessoas levam a maratona e os desafios a sério. É comum os participantes perguntarem se livro X ou Y se encaixa no desafio, se pode usar o mesmo livro para completar dois desafios, se pode ler no Kindle, entre tantos outros questionamentos. Isso mostra como, mesmo sendo algo criado de maneira lúdica e com o objetivo de incentivar a leitura de maneira divertida, as pessoas se relacionam com o evento com seriedade e rigor.

No caso da Revo-22, a ausência de TBR foi pensada justamente para aliviar um pouco essa pressão que surge a partir desse empenho dos leitores. Mas, na prática, o sistema de missões e o fato delas serem divulgadas aos poucos acabou gerando ainda mais ansiedade nos leitores. O próprio Victor Almeida comentou em entrevista para a autora que não faria sempre esse sistema,

pois percebeu a dificuldade emocional que as pessoas tiveram para lidar com ele. Era comum vermos *tweets* querendo saber quando a próxima missão seria liberada ou perguntando quais eram todos os desafios porque sentiam falta da estabilidade da TBR.

Além disso, devido ao diferente ritmo de leitura de cada um dos leitores, aqueles que conseguiam terminar as missões mais rapidamente postavam que já tinham terminado e pediam para que as próximas fossem liberadas. O que fazia com que aqueles que ainda estavam na primeira ou na segunda missão ficassem nervosos por acreditarem que estavam “atrasados” ao se compararem com os outros. O mesmo acontecia quando era anunciado que uma nova missão estava disponível, como foi o caso do anúncio da quarta missão no dia 14 de janeiro, com menos de uma semana de duração da maratona:

@flowersaaronc: Terminei nem a 1, que vergonha meu pai

@callmeaadrey: Vai com calma ai q nao terminei nem a 2 infernoooooo

@jjkyoora: e eu só completei uma ate agr, socorroooooo

@jehdxxx_: Agora eu realmente entrei em desespero COMO ASSIM JÁ WSTAMOS BA QUARTAA MISSÃO

Vendo esses tweets e comentários, o Victor Almeida decidiu publicar um tweet endereçando a questão:

“Aproveitando pra reforçar que vocês não precisam CORRER pra alcançar. O formulário existe justamente pra isso: você ir recebendo as próximas somente quando terminar a anterior no SEU RITMO, independente se já saíram ou não. Leitura não é competição.” (ALMEIDA, 2021)

Ou seja, mesmo a ausência de TBR tendo sido pensada de forma a mitigar a ansiedade e o nervosismo e, também, não gerar o sentimento de que “falharam” na maratona por não conseguirem cumpri-la, esse novo sistema acabou tendo o efeito contrário. As missões aumentaram ainda mais a comparação entre o progresso dos leitores e a ansiedade gerada pelo sentimento de estar “atrasado” em comparação aos demais. O mais curioso é que alguns leitores viam essa ansiedade de maneira positiva, como uma ferramenta para os motivarem a ler mais. Relacionando a sensação de ansiedade à produtividade, e mostrando como o importante não é tanto a diversão, mas a quantidade de leituras feitas, como vemos no tweet de Maria Paula (2021): “Eu amei esse sistema pq a minha ansiedade ataca pra descobrir logo a próxima missão, fazia muito

tempo que eu não era tão produtiva lendo, já terminei as três missões lançadas e já li mais outros 4 livros.”

3.3 Leitura e quantificação

Perambulando pela *hashtag* da maratona, pelas reações e interações dos participantes entre si e com os organizadores, foi possível perceber a valorização da quantificação das leituras. Uma quantificação que existe na própria origem e estrutura das maratonas, como vimos nos capítulos anteriores. Afinal, ele tem como objetivo central “ler mais do que se está acostumado”. E esse desejo de ler o máximo possível se entranha até mesmo na escolha das leituras.

Dentre os livros escolhidos e lidos pelos leitores maratonistas, há uma forte predominância de livros fantasia, ficção científica, terror, literatura comercial e literatura juvenil. Gêneros que fazem parte do gosto pessoal do público majoritariamente jovem de leitores que participam desses eventos e que estão presentes nas comunidades on-line. Tal configuração sugere que as gerações de nativos digitais (millennials e geração z), que têm como característica utilizarem a tecnologia como mediadora para suas atividades, transferem essa afeição pelo digital para atividades que não pertencem a esse universo, inclusive a leitura. E, como tal, trazem para o meio on-line os livros que fazem parte do seu repertório e gosto pessoal.

Mas, além disso, é possível fazer uma correlação entre a escolha dessas leituras durante a maratona e o desejo de ler mais. Isso acontece porque o evento demanda um esforço de leitura durante muitas horas seguidas, algo que leva à escolha de histórias com uma escrita que não seja tão cansativa. Livros com uma escrita menos rebuscada facilitam essa leitura prolongada e, quanto mais horas o participante passa lendo, mais páginas ele lê. Além disso, quanto mais rápido for o ritmo da história que se está lendo, e menor a complexidade da escrita, mais acelerado será o ritmo de leitura. Todos esses fatores contribuem para um maior saldo final de leituras. Nesse contexto, há uma preferência por gêneros e estilos de escrita que permitem essa leitura rápida e dinâmica, que não sejam rebuscadas ou que demandem uma atenção particular aos detalhes, mostrando que o impulso pela quantificação interfere diretamente nos livros que serão lidos, e é um dos fatores de escolha.

Tal noção é reforçada até mesmo pelos próprios organizadores e demais leitores, que aconselham os novos participantes a não escolherem clássicos, leituras complexas ou calhamaços

(como a comunidade denomina livros com mais de 500 páginas) como leituras da maratona. Na *live* de abertura da Revo-22, Paulo Ratz comenta que é um "erro de principiante colocar calhamaço em maratona". Destacando que com a experiência das maratonas são adquiridos certos conhecimentos sobre como completá-las da melhor forma, ou seja, como ler mais livros em menos tempo. Dessa forma, mesmo aqueles leitores que preferem clássicos optam por leituras mais leves ou mais voltadas para a ação e aventura quando resolvem participar das maratonas, mostrando como a quantificação é tão, se não mais, relevante do que o gosto pessoal.

3.3.1 Lives e produtividade

Esse impulso pela quantificação nas maratonas literárias está diretamente relacionado à produtividade, uma palavra que aparece constantemente durante o evento em tweets, comentários e na própria apresentação da maratona. As atividades da maratona que são mais centradas nessa lógica da produtividade são as *lives* de leitura. Não sendo limitadas às maratonas, elas são feitas com muito mais frequência durante o evento. Na Revo-22, os cinco *booktubers* organizadores se revezavam para fazer as *lives* de leitura na plataforma TwitchTV e cumprir o cronograma divulgado na primeira semana do evento²⁴. Em alguns dias do evento as *lives* duravam de 6h da manhã até 2h da manhã do dia seguinte e algumas pessoas passavam o dia assistindo e lendo junto com os *streamers* — nome dado aos organizadores das *lives*.

livbookss: aaaa vou sentir sdds dessas liveees, não perdi uma

winnie_bc: eu deixei de ir na terapia pra ver a live e ler

A questão principal dessas *lives*, como comentamos no capítulo anterior, é o estímulo à leitura, que é feita em conjunto e simultaneamente. Assim, as *lives* utilizam ferramentas e técnicas para aumentar a concentração e a produtividade, dentre elas o *sprint*, para fazer com que os leitores dediquem mais tempo à leitura. Em entrevista com a autora, Victor Almeida comenta como essas *lives* fizeram com que a leitura se tornasse um hábito diário para ele e para a maior parte dos seus seguidores, dizendo inclusive: “Quando eu não estou em *live* eu não leio”. E este é “transferido” também para os demais leitores. Durante a maratona, era comum vermos comentários como: “gf num fez *live* então não li uma página hj”. (Vitória A.)

²⁴ Cronograma da maratona: <https://twitter.com/clubedogeeffe/status/1476581761148669956>

Dessa forma, as *lives* acabam se tornando mediadoras da leitura para os leitores maratonistas, uma ferramenta que aumenta o tempo diário dedicado a essa atividade. Nessa mesma entrevista, Almeida comenta que isso acontece porque as *lives* facilitam a organização de horários, demarcando o momento da leitura e da produtividade, assim como o momento da conversa entre os leitores.

Esse potencial das *lives* de incentivar a leitura é exponenciado pelas possibilidades da plataforma onde elas acontecem. Na TwitchTV, cada streamer pode criar comandos próprios, que fazem parte da lógica de gamificação da plataforma e servem para aumentar a interação do público com o *streamer*. Eles são acionados ao digitar um ponto de exclamação, “!”, seguido da palavra referente ao comando desejado no chat. Na *booktwitch*, tais comandos são criados para aumentar a produtividade e incentivar ainda mais a leitura durante os sprints.

As *lives* da Barbara Sá, por exemplo, possuem um comando que funciona da seguinte maneira, o espectador escreve “!i” no chat e recebe a seguinte mensagem: “[nome do usuário] entrou na partida faltando 40 minutos e se mandar mensagem no chat perderá 1 vida, no fim você ganhará 40 segredos”. E, ao final do sprint, todos que acionaram esse comando recebem a mensagem: “acabou o Sprint de 40 minutos, sobreviventes podem resgatar seus pontos digitando “!ganhei”. Assim, todos aqueles que usaram o sprint para leitura ao invés de usá-lo para conversar no chat ganham esses pontos chamados “segredos” que podem ser trocados por recompensas na loja da Barbara Sá. Esses brindes incluem marcadores, livros e e-books. Transformando a produtividade em bens de consumo, os quais servem como estímulo financeiro para a concentração na leitura. Por ela ser a única dentre os *booktubers* da maratona a usar esse comando, o chat das *lives* dela ficava mais calmo do que os demais.

Já nas *lives* da Liv existe o comando “!meta”. Ao acioná-lo, o algoritmo diz, de forma aleatória, quantas páginas a pessoa tem que tentar ler durante o *sprint*. Como, por exemplo: “[nome do usuário] deve tentar ler 70 páginas nesse sprint!”. Assim, uma meta é definida para o espectador de forma arbitrária, determinando qual será o objetivo de leitura a ser seguido.

Apesar dos leitores sentirem certa dificuldade para usá-los quando são “novos” na plataforma, tais comandos logo passam a ser incorporados na relação que eles têm com a leitura. E, com o tempo, os leitores sentem falta desses elementos quando eles não estão presentes. Ainda mais em um evento como a maratona, em que as *lives* de diferentes criadores se sucedem, facilitando a comparação entre elas.

Por exemplo, os espectadores da Barbará Sá tentando utilizar o comando de acumular pontos durante os *sprints* nas *lives* dos outros organizadores, e reclamando do fato do comando não estar disponível. Ou então, o estranhamento que o público teve com as *lives* do Paulo Ratz, que foi o único dentre os cinco organizadores da Revo-22 que fez as *lives* no YouTube, ao invés na TwitchTV. Apesar das *lives* serem originalmente feitas no YouTube, os leitores já se acostumaram com os comandos e as ferramentas possibilitadas pela Twitch. Fazendo com que a falta delas gere reclamações e comentários negativos, principalmente por considerarem as *lives* do YouTube defasadas e “arcaicas”:

Mariana Telessprint: no YouTube iguais os maias faziam

Beatriz Martins: Mt estranho live aqui KKKKKKKK

Maria Helenagente: aqui o chato e mt mais rapido que a twitch meu deus KKKKKKKKKKKK

Maria Victoria Martins Carli: isso significa que vc tem que ir pra roxinha²⁵ pra gente não reclamar

Laura Matiaspaulo: nem minha vó via live no youtube

A principal reclamação era sobre a ausência do *lo-fi*, uma das principais ferramentas de produtividade das *lives* da Twitch. Esse termo se refere a músicas relaxantes e sons ambientes que são usadas como pano de fundo para mitigar a ansiedade e aumentar a concentração enquanto se está fazendo alguma outra atividade, principalmente estudando, trabalhando ou, no caso das *lives* da maratona, lendo. Tal estilo de música e o seu uso se tornaram muito populares durante a pandemia da Covid-19, auxiliando pessoas do mundo inteiro a serem produtivas em suas casas.

Com a comunidade literária on-line não foi diferente. Observando a popularidade e o sucesso do *lo-fi*, os *streamers* da *booktwitch* começaram a colocar essas músicas e sons para tocar durante os *sprints* de leitura, criando uma ambientação ainda mais propícia à concentração. Algo que, por não fazer parte da comunidade da Twitch e não estar acostumado a fazer *lives* de leitura, o Paulo Ratz não sabia ser um requerimento dos leitores maratonistas, e parte da relação que eles têm com a leitura. Assim, quando repararam que não haveria *lo-fi* durante a *live*, os leitores, inconformados, reclamaram no chat a tal ponto que ele foi obrigado a colocá-lo no dia seguinte.

Isso mostra como novos parâmetros são criados dentro da comunidade e passam a fazer parte dessa relação que os leitores têm com a leitura. Eles ditam novas práticas de leitura que unem quase 100% o hábito leitor e o digital. Desse modo, é gerado um estranhamento e uma dificuldade

²⁵ “roxinha”: nome informal da Plataforma TwitchTV

de concentração quando tais ferramentas — como as *lives*, o *lo-fi* e os comandos — não estão presentes. Algo que é visto negativamente pelos leitores que, acostumados a usar essas ferramentas, necessitam delas para alcançar a produtividade e a quantidade de leituras desejada durante a maratona. Como Kelly Dias comenta em uma das *lives* de Ratz: “Eu li a tarde toda hoje, com lofi, não consigo ler sem mais.”

3.3.2 Sociedade do desempenho

Ao analisarmos a fundo esse impulso pela quantificação que produz novas práticas para potencializar a leitura, sejam as maratonas em si ou as *lives*, vemos uma predominância da palavra produtividade e de ferramentas criadas para potencializá-la ao máximo dentro da estrutura da maratona. Ela aparece como um objetivo máximo, algo a ser desejado e que os leitores devem se esforçar para conquistar a todo momento. No entanto, o que pude perceber durante a observação participante é que esse impulso pela produtividade é maior do que as maratonas literárias. Ele faz parte da maneira como a sociedade global se organiza na atualidade e as maratonas acabam sendo um reflexo dessa sociedade, ao mesmo tempo em que também alimentam esse sentimento dentro da comunidade literária on-line.

O filósofo Byung-Chul Han (2017) entende esse impulso pela produtividade a partir do conceito de sociedade do desempenho. Segundo o filósofo, hoje vivemos em um período histórico que vai além da sociedade disciplinar de Foucault. Seu total oposto, a sociedade do desempenho surge a partir da positividade do mundo, que deixa de ser tomado pela negatividade, pela proibição e pelo "não-ter-o-direito" e se transforma em uma sociedade regida pela dialética da positividade, pelo projeto, pela iniciativa, pelo "sim-nós-podemos". E, ao ser tomado por essas lógicas, o inconsciente social começa a ser habitado por um constante desejo de maximizar a produção. "O imperativo do desempenho como um novo *mandato* da sociedade pós-moderna do trabalho." (HAN, 2017, p. 15)

Nessa sociedade, o sujeito da obediência de Foucault (2004) se transforma no sujeito do desempenho, um indivíduo que é regido pelas lógicas de superprodução, superdesempenho e supercomunicação. A partir desse contexto social, o sujeito do desempenho se mostra mais rápido e mais produtivo do que seu antecessor. Isso acontece porque, apesar de não ser mais controlado pela proibição e pela obediência — que serviam como motores para o sujeito da obediência —, o

sujeito do desempenho se autoexplora voluntariamente, sem coerções externas. Ele se transforma no próprio explorador, se autodisciplinando a partir desse desejo enraizado de sempre produzir o máximo possível.

Tais conceitos do sujeito e da sociedade do desempenho foram cunhados por Byung-Chul Han (2017) para analisar o mercado de trabalho na sociedade capitalista atual e a maneira como os trabalhadores se relacionam com ele psicologicamente. No entanto, o que ele deixa de perceber é que essa lógica da sociedade do desempenho se tornou tão predominante na sociedade atual que ela extrapola o nível do trabalho e se transpõe para o dia a dia das pessoas e para atividades de lazer. Assim, as lógicas da superprodução, superdesempenho e supercomunicação tomam conta da psique do indivíduo moderno e pautam as relações que ele terá com quase todos os elementos de sua vida.

E, no caso dos livros, as maratonas são um dos maiores exemplos de como isso se aplica à leitura. Afinal, elas são criadas com o objetivo de maximizar o ritmo de leitura, tornando o leitor o mais produtivo possível durante o evento. Nesse contexto, ler torna-se quase uma obrigação, um trabalho, ao invés de um lazer ou de uma comunhão com as artes. E os leitores maratonistas precisam sempre estar finalizando leituras, mostrando resultados, produzindo. João Marcos (joaomarcossss) em uma das *lives* da maratona, por exemplo, usa a palavra "render": "ai geefe, teus sprints fez eu render muito. obg". Aplicando à leitura um conceito que era exclusiva do âmbito do trabalho, e não de uma atividade prazerosa, de lazer.

Nessa relação leitor-livro, a leitura atenta, com calma, que possibilita destrinchar o texto para extrair o máximo de significado dele não é mais tão importante, perdendo relevância para a quantificação de leituras e o quão rápido o leitor consegue terminá-las. Esse contexto faz com que seja comum vermos resenhas de livros em que o fato de ter “devorado o livro” e “não ter conseguido largá-lo” são vistos como elementos positivos e mérito do autor, conferindo valor àquela história. Isso acontece porque, para o leitor que precisa produzir resultados quantificáveis dentro da lógica de produtividade que permeia a sociedade moderna, a leitura rápida é vista como positivo. Assim, os leitores que conseguem terminá-los rapidamente, têm um bom desempenho, e passam a ser vistos e a se verem através de uma lente de sucesso e de orgulho. Como podemos observar em algumas falas no chat das *lives* da *MLV2022*:

laurabookstan: gf, tô lendo muito rápido, um dia eu começo o livro e no mesmo dia eu termino, mesmo que seja de umas 400 páginas, eu não sei oq tá acontecendo!

juliaam0rim: li tanta página que estou até orgulhosa

Mas, apesar dessa sensação de orgulho frente a um alto nível de produtividade e desempenho, Byung-Chul Han (2017) ressalta que o sujeito do desempenho nunca consegue ter uma gratificação completa. Isso acontece porque nessa sociedade não existe mais a figura do outro regulador, que determina os objetivos e fornece recompensas quando eles são cumpridos. E, segundo o filósofo, a gratificação surge, justamente, com a aprovação do outro e, quando esse outro deixa de existir, configura-se uma crise de gratificação, na qual:

“o sentimento de ter alcançado uma meta definitiva jamais se instaura. Não é que o sujeito narcisista não queira chegar a alcançar a meta. Ao contrário, não é capaz de chegar à conclusão. A coação de desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que; em última instância está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir.” (HAN, 2017, p. 85)

Essa ausência de gratificação também surge a partir de uma mudança na estrutura psíquica do sujeito do desempenho, segundo o filósofo. Não mais regulado pelo superego freudiano, cuja função era a repressão, a psique do sujeito do desempenho é guiada pelo eu-ideal. Ele surge por meio da positivação do superego transformando sua função repressiva em uma projeção. Ou seja, o eu-ideal é tudo aquilo que se deseja ser e alcançar. Mesmo não reprimindo, o eu-ideal também representa uma violência, ao funcionar como algo inalcançável, porém desejado. Ele está, então, em uma posição comparativa de superioridade com o eu, colocando-o sempre como inferior. E é nesse abismo entre o eu e o eu-ideal que surge a autoagressão e a autocobrança para sempre produzir mais e mais na tentativa de alcançá-lo: a autoexploração. E por ser esse projeto ideal, esse objetivo nunca se cumpre, instituindo a crise de gratificação.

O mesmo acontece durante as maratonas literárias, cujo objetivo é superar a si mesmo, indo além do seu ritmo de leituras “normal”. Essa falta de um objetivo final pré-definido ou de uma competição com o outro faz com os leitores estejam sempre buscando competir consigo próprios, lendo cada vez mais. Afinal, se você conseguiu ler 5 livros nessa maratona, na próxima você precisará superar esse número, sempre almejando um saldo maior de leituras em busca desse sentimento de gratificação que lhe falta. No entanto, a capacidade de leitura do ser humano tem

limite. Por mais rápido que um leitor leia, ou por mais leituras que ele faça, chega um momento em que esse número não é mais passível de ser superado. E, com isso, vem um sentimento de culpa pela meta não alcançada de forma satisfatória.

bagatinii: coloco meu celular no app focus plant dai eu vou lendo e fico mal se n conseguir cumprir a meta q eu coloquei

mHELENAhorst: ler é maravilhoso mas depois que comecei tenho a impressão que tudo que eu faço que não seja ler é perda de tempo, como se a leitura fosse obrigação tipo ??????

No universo das maratonas literárias, não atingir a meta estipulada ou não ler o suficiente significa que o leitor “flopou”. Esse verbo, “flop”, é uma gíria originada na internet que faz parte do vocabulário das maratonas literárias. Ela é uma versão aportuguesada do verbo “to flop” em inglês, que significa falhar completamente, segundo o dicionário Merriam-Webster. Nas maratonas, ele é usado quando o participante não conseguiu atingir a meta de leituras que havia autodeterminado no início do evento. Ou seja, quando ele não conseguiu ler tanto quanto gostaria. O uso dessa palavra indica a existência de um componente de sucesso e fracasso envolvido nas maratonas literárias, nas quais “flop” deve ser evitado ao máximo. E, por indicar um fracasso na maratona e uma improdutividade, vem acompanhado por sentimentos de culpa e inferioridade que, por sua vez, levam o leitor a se esforçar ainda mais para compensar esse fracasso na maratona seguinte.

3.3.3 Sociedade do esgotamento e ressaca literária

Essa constante pressão pela produção e a culpa advinda de seu não cumprimento, segundo Byung-Chul Han (2017), é responsável por levar o indivíduo a um estado de depressão exaustiva, configurando a contemporaneidade também como uma sociedade do esgotamento. Isso acontece pela falta do sentimento de gratificação e da constante disparidade entre o eu-real e o eu-ideal que levam o sujeito a se autoexplorar até o esgotamento completo, também conhecido como *burnout*. É nessa autoexploração que reside a violência estrutural da sociedade do desempenho.

Esse esgotamento causado pela pressão pelo desempenho também faz parte da relação que os leitores maratonistas têm com a leitura. O excesso da lógica da quantificação e da produtividade associadas à leitura trazem como consequência negativa a chamada “ressaca literária” ou, como é conhecida nos Estados Unidos, *reading slump*. O termo surge na comunidade literária on-line e

significa um esgotamento do leitor, com a perda da vontade de ler ou com a dificuldade de se concentrar na leitura. A ressaca literária foi muito comentada na Revo-22 por causa do Bruno, do canal *Navegando*, um dos organizadores do evento. Ele está no meio de uma ressaca literária e, por causa disso, se afastou do seu canal do YouTube e deixou de criar conteúdo e fazer *lives*.

A ressaca literária do Bruno se tornou assunto das *lives* a partir dos comentários e brincadeiras dos espectadores quando ele usava os *sprints* para mexer no celular “disfarçadamente” ou por ele ter lido apenas um livro durante a maratona.

Figura – Bruno usando celular em *live* de leitura

Figura 4 – Bruno lendo em *live* na Twitch



Disponível em: <https://twitter.com/timmydetails/status/1480662612081840137>

É interessante reparar como ele tenta esconder o celular atrás do livro, para se mostrar produtivo. O que expressa a existência de um sentimento de culpa por não estar lendo.

A partir das conversas que essas atitudes suscitaram nas *lives*, destacou-se que o esgotamento com a leitura é um produto da hipervalorização da quantificação das leituras. Ao explicar o causador de sua ressaca, Bruno conta que tinha uma planilha de leituras no Excel onde calculava a quantidade de páginas lidas diariamente, assim como o número de livros lidos mensalmente. Tal planilha foi criada com o objetivo de ajudá-lo a manter um ritmo constantemente elevado de leitura, para atingir as metas que havia se imposto. No entanto, foi essa pressão diária

e a transformação da leitura em metas e obrigações que fez com que ele perdesse a paixão pela leitura e, conseqüentemente, se afastasse dela. Demonstrando, então, os efeitos da sociedade do desempenho e da pressão pela produtividade na relação leitor-livro.

Tal afastamento, todavia, não é exclusivo do Bruno, sendo vivenciado por diversos leitores maratonistas. Nas *lives* que aconteceram no canal *Navegando* da Twitch, foi possível reparar como vários leitores se identificaram com o relato dele:

julianaasm: eu antes meio q me forçava a ler todo dia, mas ai eu tava mt cansada e nem aproveitava, ai estou tentando parar e ler qnd quero

leiturasdaJoyce: eu to numa ressaca literária desde novembro!

ceci32: eu fiquei de ressaca uns 5 dias tô triste li muito pouco

capives: eu to nessa de tentar ler todo os dias, mas comecei a ler foi ano passado, então é algo bem recente pra mim ainda

Ladysyf: Nunca tive ressaca, mas nunca me obriguei a nada, nunca tive metas de quantidade

Podemos perceber, então, como essa autoexploração em busca de um melhor desempenho de leituras e o estabelecimento de metas em uma atividade que antes era do âmbito do lazer e da qualidade, não da quantidade, pode ter como consequência o esgotamento do leitor e o afastamento da leitura.

A própria maratona acaba por gerar esse sentimento de esgotamento durante o evento. Algo que é perceptível a partir da perda de engajamento e participação do público na segunda semana da maratona, fazendo com que o número de espectadores nas *lives* e de pessoas lendo caia consideravelmente. E mesmo aquelas que permanecem ativas e engajadas mostram sinais de esgotamento mental, sendo comum vermos comentários como: "**oopsmairaa:** EU NÃO AGUENTO MAIS LER, QUERO É MARATONAR UMA SÉRIE KKKKK CHOREI". Ou falas do próprio Victor Almeida na *live* de encerramento do evento afirmando que "a gente tá na mentalidade de final de maratona: dando patada, falando palavrão, dando soco na cara". E, com o anúncio do fim da maratona, o chat foi tomado por falas como:

claagm: CHEGA DE LEEEEEEEEER

jresenhass: li direto por duas semanas agora posso ficar dois meses sem ler tranquilamente

renatapiresoliv: graças a deus

renatapiresoliv: chegaaa

maristeles: finalmente posso parar de ler

isabezana: agr nao preciso mais ler ate ano que vem

Tais falas continham um tom de brincadeira e exagero, mas, mesmo assim, apontam para as consequências neurológicas da pressão pelo desempenho de leitura — que é ainda mais intensa durante as duas semanas da maratona — e do esforço demandado para alcançá-lo. Mostrando, desse modo, como a maratona tem um efeito duplo: incentivar a leitura, e ao mesmo tempo provocar um esgotamento do leitor.

3.4 Comunidade

Comecei este trabalho e esta etnografia pensando que a questão principal da maratona seria a quantificação das leituras, a pressão pela produtividade e suas consequências na relação leitor-livro. Mas, para a minha surpresa, as maratonas se mostraram muito mais ricas do que somente “se esforçar para ler mais do que o normal”. Na verdade, a formação de uma comunidade, a interação, o apoio emocional entre os leitores e a presença do coletivo, acabaram se destacando como a verdadeira essência das maratonas.

Em entrevista com o organizador da MLV22, Victor Almeida, perguntei qual era, para ele, a essência das maratonas e tive como resposta algo que não esperava: o coletivo.

“Eu acho que a maratona automaticamente cria uma mentalidade de que não é só um período de leitura comum como todos os dias da minha vida, mas é algo que vai ter um monte de gente fazendo junto, um monte de gente seguindo a mesma proposta. [...] Leitura é uma atividade muito solitária. É muito difícil você encontrar outras pessoas para conversar, interagir e falar sobre. E eu acho que a maratona proporciona isso, proporciona de pessoas se conhecerem.”

E essa interação e criação de laços entre os leitores é perceptível em vários momentos do evento. Seja a partir de posts e respostas no Twitter, de conversas no chat das *lives* ou em salas de bate-papo em plataformas como o Discord e o Telegram que são criadas especificamente para as maratonas. Tais interações são, inclusive, incentivadas no vídeo de apresentação do evento: "No período de maratona sempre é incentivado que você converse com outras pessoas, que você conheça novos leitores e que também compartilhe suas opiniões literárias e ajude a divulgar todo esse projeto". (ALMEIDA, 2021)

As conversas que acontecem no decorrer da maratona são centradas na leitura, que funciona como elo que une todas essas pessoas de diferentes lugares do Brasil em um mesmo evento. E, dessa maneira, o sentimento de comunidade que surge durante essas duas semanas serve para incentivar ainda mais a leitura, a partir de indicações, debates e comentários sobre os livros lidos. Por exemplo, é comum vermos nos chats das *lives* da Twitch, tanto durante os momentos de conversa como durante os sprints, interações como:

fe_solimene: meu, que nojo a cena que li agora

lalalotus1: qual livro?

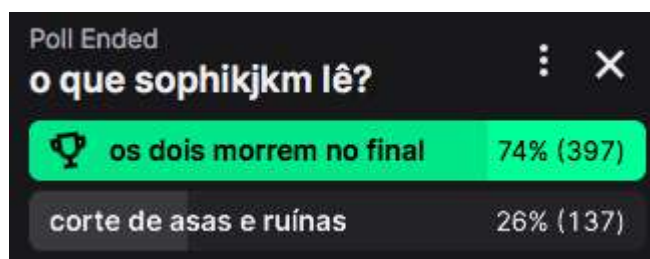
fe_solimene: O Rouxinol

lalalotus1: eita nunca li.... tá gostando?

fe_solimene: é muito bem escrito e uma leitura muito intensa. Inesquecível, mas não sei ainda dizer se estou gostando, sabe

Assim, por mais que esses dois leitores nunca se encontrem na vida não-virtual e não saibam o nome completo um do outro, naquele momento houve uma troca e uma conexão centralizadas na leitura. Uma atividade que, como o próprio Victor Almeida comenta, é muito solitária, envolvendo uma relação que teoricamente se fecha no eixo leitor-livro. No entanto, esses leitores 2.0, que usam o digital como intermediário da leitura, pautam essa relação também no coletivo. Fazendo com que a interação seja uma etapa crucial nos hábitos de leitura deles e, como tal, também tenha impactos na maneira como se relacionam com a história e com o livro.

Figura 5 – Enquete em *live* da Twitch



Os outros leitores podem estar presentes antes, durante e após a leitura. Seja a partir de indicações, conversas sobre pontos específicos do enredo como a que aconteceu entre fe_solimene e lalalotus1, ou discussões sobre as impressões finais da leitura. Um exemplo interessante que ocorreu em quase todas as *lives* da Revo-22 foram espectadores trocando os pontos que acumularam assistindo às *lives* na Twitch por enquetes sobre o que deveriam ler em seguida. Elas

serviam para que os demais leitores votassem em qual livro eles recomendavam e o vencedor da votação seria o livro lido.

Isso mostra como, durante a maratona, a leitura e o livro funcionam como objetos centralizadores das interações entre os leitores, assim como é a razão da reunião das pessoas que estão participando. E faz com que essas interações, por sua vez, se mostrem como um dos principais motivadores para a participação no evento, sendo tão importantes para a maratona quanto a quantificação da leitura.

Tais interações proporcionam a criação de uma comunidade que têm os livros como elo e como assunto central, mas que não se limita a ele. É uma comunidade permeada por laços afetivos e por uma rede de apoio emocional entre os leitores e entre eles e os *booktubers* — algo que pude perceber assistindo às *lives* e interagindo com os leitores. É comum vermos depoimentos de leitores no Twitter e no chat durante a maratona agradecendo pelo evento, pelas *lives* e pela comunidade que encontraram:

crowfeather: as lives da liv são os poucos momentos q me fazem sentir q tenho amgs e sl menos sozinha obg liv e chat !

estantedakarine: GF, só queria te agradecer pela maratona, pelas horas de live. Te acompanho desde as lives na madrugada com a câmera fechada kkkkk Você não faz ideia o quanto ajuda a auto estima das pessoas. Essa semana tô mal, mas assistir suas lives de tarde é terapêutico

victorclash120: Vcs são as únicas pessoas que me faz feliz e sou novo aqui mas vcs já estão me deixando tão feliz uma pessoa morreu na minha vida e essa pessoa foi como uma vó pra mim ela morreu depois dos três dias e fiquei triste mas vcs me ajudaram de coração

Os *booktubers* e *streamers* também fazem parte dessa rede de apoio. A primeira *live* no canal *Livresenhás* durante a maratona, por exemplo, teve mais de 5 mil pessoas assistindo ao vivo, fazendo com que a Liv, que tem ansiedade social, ficasse nervosa e acanhada. Ao repararem nisso, as pessoas que estavam on-line usaram o chat da *live* para dar suporte e carinho, fazendo com que ela chorasse de emoção e, como ela própria disse, se sentisse amada com todo o apoio que demonstraram. Essa situação foi inclusive comentada no Twitter em posts como: "O chat mandando carinho para Liv por ela estar na front e com 5k de pessoas tá me deixando de coração quentinho, amo essa comunidade #livroxinha #MLV2022 #RevolucaoMLV". (@Helo_WoW, 2021) Mostrando como as pessoas reconhecem a existência dessa comunidade leitora que se

fortalece durante as maratonas e como é algo importante para elas. "**nicolegadinho**: amo essa comunidade."

Outro exemplo desse apoio emocional ocorreu quando uma das *lives* do Victor Almeida teve que acabar mais cedo porque o amigo dele estava mal com sintomas de Covid-19 e precisou ir levar oxímetro para ele. Quando essa situação foi anunciada, ninguém reclamou e o chat mandou muito amor e melhoras para o amigo do Victor. Pessoas que moravam na região de Londrina chegaram, inclusive, a oferecer apoio. Já o Bruno do canal *Navegando*, como comentamos anteriormente, estava afastado da comunidade devido à ressaca literária e retornou só por causa da maratona. Em *live*, ele comenta: "me diverti muito com essa volta, queria agradecer o Victor por essa oportunidade. [...] Voltei e encontrei muita gente e foi uma delícia. [...] Vocês me receberam de uma forma maravilhosa, de um jeito que eu nunca vou esquecer".

E essa é também uma via de mão dupla, com os *booktubers* se preocupando também com o estado emocional dos leitores que estão presentes em suas *lives*. O momento mais marcante aconteceu por causa de pessoas inconvenientes estarem aparecendo nas *lives* da primeira semana. Durante a maratona, as *lives* de leitura estavam recebendo destaque da plataforma da Twitch e sendo colocadas na *front page* — página de abertura do site — e sendo vistas por milhares de pessoas. No entanto, apesar do aspecto positivo dessa divulgação, que se traduzia em visualizações e inscritos para os *streamers*, ela também fazia com que pessoas de fora da comunidade leitora encontrassem a *live*. E essas pessoas vindas de fora tinham um certo estranhamento com a estrutura dos sprints, por ser uma *live* em que os espectadores passam a maior parte do tempo vendo o *streamer* ler em silêncio. As dúvidas que surgiam por conta disso eram rapidamente sanadas pelos leitores-espectadores, que explicavam o que era um *sprint* e convidavam essas pessoas a lerem junto com a comunidade. Mesmo assim, como acontece em qualquer lugar da internet, alguns usuários reagiram com agressividade, dizendo que a *live* era um velório por causa da quietude ou até xingando a aparência dos *streamers*. Essas pessoas eram rapidamente banidas do chat, mas acabavam criando uma situação desagradável para todos os presentes.

Por isso, na segunda semana da maratona, o Victor Almeida decidiu cancelar todas as *front pages*. Preservando a segurança e o bem-estar dos espectadores e dos outros *booktubers* que estavam organizando as *lives*, em detrimento das visualizações que poderiam conseguir. Algo que foi muito bem recebido pelos leitores, que se sentiram aliviados por não precisarem mais lidar com essas pessoas de fora da comunidade.

isabezana: sem front hoje, que paz.

VitorLM20: AINDA BEM, NÃO AGUENTAVA MAIS PESSOAS PERGUNTANDO ‘VOCÊ FICAM VENDO ELE LER?’

Com isso, percebemos como a comunidade leitora on-line é fortalecida durante as maratonas. O que mostra que, apesar da importância da quantificação, o que leva as pessoas a participarem das maratonas é o coletivo. Claro que a leitura continua sendo importante, mas, mesmo que a pessoa “flope” e não consiga ler tanto quanto gostaria, ela ainda sai do evento tendo se divertido e encontrado ali algo especial, pessoas — outros leitores — com quem se relacionar.

CONCLUSÃO

Tendo estado essas duas semanas imersa na *MLV2022* e acompanhado os leitores na empreitada de se desafiar a ler mais do que o normal, pude concluir que as maratonas literárias são uma prática de leitura que reflete valores e comportamentos do leitor 2.0 — um leitor jovem, que usa as redes sociais como mediadoras da leitura e que vê na comunidade um incentivo para ela. No início da minha pesquisa, eu imaginava encontrar apenas uma manifestação da leitura que demonstrasse a união entre o livro e o digital e como o virtual pode também funcionar como incentivador ao invés de apenas uma distração. No entanto, percebi que, mais do que apenas traspor a leitura para o universo digital, esses leitores 2.0 criam novas maneiras de se relacionar com ela.

Isso fica ainda mais evidente ao compararmos as maratonas literárias com os clubes do livro do século XX. Enquanto no último os leitores de uma região se reuniam para debater e conversar sobre um livro específico, destrinchando seu conteúdo e criticando sua escrita; nas maratonas literárias o livro em si não é tão importante, perdendo esse protagonismo e cedendo lugar à experiência de leitura intensa que é proporcionada durante o evento. Nesse contexto, a quantidade de livros lidos se torna mais importante do que seu conteúdo. A diferença entre essas duas práticas, todavia, não significa que a leitura atenta, com calma, tenha deixado de existir no século XXI, muito pelo contrário. Algo que pude perceber ao me inserir em meio aos leitores 2.0, tanto durante o evento quanto fora dele, foi que o mesmo leitor pode se relacionar com os livros de diferentes maneiras, dependendo de seu gênero, conteúdo, do momento da vida em que ele está, do mês do ano, entre tantas outras variáveis.

Não é porque durante aquelas duas semanas da maratona os participantes leem desesperadamente para conseguir alcançar suas metas, que no decorrer do ano eles não encontrem um livro pelo qual se apaixonem e decidam lê-lo vagarosamente, se deliciando com cada página e se estendendo ao máximo na leitura para que não precisem se separar daquela história. O movimento contrário também acontece ao final do ano, em que esses leitores começam a ler desesperadamente rápido na tentativa de conseguir completar a meta de leitura anual ou o desafio do Goodreads. O que ressalta como essa relação se transforma ou é adaptada dependendo do objetivo do leitor ao realizar aquela leitura.

Existe, inclusive, uma *trend* no TikTok que brinca com esse duplo relacionamento, na qual o leitor diz “terminei o livro” com uma expressão de absoluta felicidade e, logo em seguida, repete a mesma frase com uma expressão de tristeza. Uma brincadeira que aponta justamente esse embate

entre querer terminar logo o livro para conseguir alcançar uma meta numérica e o sentimento de tristeza ao terminá-lo e precisar se desapegar dele emocionalmente.

Assim, vemos como diferentes tipos de leitura demandam diferentes relações leitor-livro apontando para a complexidade dessa relação que tem várias vertentes e manifestações, mesmo em um único leitor. No entanto, algo que pude concluir a partir da experiência etnográfica é que, mesmo fora da maratona, a relação entre os leitores 2.0 e a leitura continua sendo pautada pela valorização da quantificação. Seja no desafio de leitura do Goodreads que apresentamos no primeiro capítulo, seja por uma comparação com *booktubers* que precisam ler quantidades exorbitantes para produzir conteúdo, o leitor 2.0 vê a quantificação de leituras como algo a ser compartilhado, um número que você diz aos outros com orgulho ou com vergonha, dependendo do seu desempenho.

E é a partir dessa valorização que práticas como as maratonas são criadas, de forma a atender ao desejo de ler o máximo possível. Assim, durante 24 horas ou duas semanas ou um mês, será criado um ambiente para ajudar os leitores a potencializar ao máximo suas leituras. É possível argumentar também que hoje, quase duas décadas após seu surgimento, a quantificação e as maratonas apresentam uma relação de retroalimentação na qual o evento é uma resposta aos desejos do leitor 2.0, ao mesmo tempo em que reforça no seu decorrer a valorização da quantificação. Não é à toa que o nome do evento evoca uma modalidade esportiva competitiva. Além do esforço que elas demandam dos leitores, as maratonas são enraizadas em um desejo de “ler mais” do que você mesmo está acostumado, ou dos outros participantes, mesmo que não exista um “vencedor” do evento.

Outro aspecto que me chamou a atenção na pesquisa é como essa valorização numérica e o impulso por um desempenho leitor são, na verdade, reflexos de valores do século XX. Por isso, ao analisarmos as falas dos participantes, foi possível reconhecer lógicas que fazem parte da sociedade do desempenho — que transpuseram os limites do universo do trabalho e se entranharam em atividades que antes eram do âmbito da arte e do lazer. Assim, vemos ideias como desempenho, produtividade e *burnout* presentes na maneira como os leitores de hoje percebem e se relacionam com a leitura, principalmente durante as maratonas. Desse modo, pude perceber que, para os leitores maratonistas, ler é sinônimo de produção. E deixar de ler ou ler pouco representa uma falha, algo que pode fazê-lo se sentir envergonhado ou culpado. Por isso, a maior parte dos

elementos utilizados pelas maratonas como forma de estimular a leitura não foram criadas com esse objetivo, mas foram adaptados de métodos de produtividade criados por empresas para aumentar o desempenho de seus funcionários — como é o caso da Técnica Pomodoro, dos *sprints* e da gamificação.

Também foi possível concluir que esse impulso constante pela produtividade leitora pode gerar consequências negativas nos leitores 2.0. Como pudemos observar a partir dos comentários de Bruno Neute e de outros participantes da *MLV2022*, tal valorização excessiva da quantificação pode ter como consequência a perda da paixão pela leitura. Afinal, ao ser estabelecida a partir de noções do trabalho neoliberal — como a autoexploração em busca de uma gratificação inalcançável —, a leitura adquire, também, um caráter de uma obrigação. Assim, algo que antes era associado ao prazer, à viagem a outros universos, a um momento de se desconectar do mundo torna-se uma demanda a ser cumprida.

Mas, ao mesmo tempo em que as maratonas acontecem, reforçando essa necessidade de “produzir leituras” para alcançar o desempenho desejado, existem iniciativas ao redor do mundo que usam os livros como terapia por esse caráter calmante, de desconexão das notificações e do mundo, como Taynée Mendes Vieira analisa em seu artigo *A cura pelos livros: como a era digital reconfigurou o sentido dos impressos no Reino Unido* (2020). Nesse sentido, vemos novamente que essa relação leitor-livro pautada pela produtividade e pela quantificação não é universal. Mesmo que ela seja um reflexo de valores contemporâneos, não significa que ela irá representar a maneira como todos os leitores se relacionam com a leitura. Com isso, vemos como o aumento da presença do digital na vida contemporânea possibilita o surgimento de diferentes práticas de leitura e, conseqüentemente, diferentes relações leitor-livro, sendo as maratonas literárias uma dentre muitas.

Durante a experiência etnográfica, também foi possível perceber que essa maneira de se relacionar com o livro, pautada na produtividade, gera um cansaço no leitor, tanto físico quanto psíquico. Por isso, ao final da maratona, pude observar participantes exaustos, que viraram a noite lendo para conseguir atingir a quantidade que haviam se proposto e que nos últimos dias do evento já não aguentavam mais ler. É curioso que essas mesmas pessoas percebiam esse cansaço como algo positivo, como um esforço recompensado. E por mais estranho que pareça, o mesmo acontece nas maratonas de corrida que levam os atletas a um estado de exaustão física e que, mesmo assim, eles continuam a gostar de se desafiar e participar delas. Nas maratonas literárias não existe a

produção de endorfina que é proporcionada pela atividade física da corrida, mas observando esses participantes, pude perceber como o estar em conjunto e a troca com os outros leitores proporcionam, de certa forma, essa felicidade extra e são um incentivo para continuarem a participar do evento. Vemos, então, que as maratonas literárias são um espaço de experiências de leitura e que, mais importante do que a leitura dos livros, é estar lendo em conjunto com os demais leitores. Assim, como acontece com as maratonas de corrida, o mais importante não é chegar em primeiro, segundo ou terceiro lugar, mas participar junto com outros corredores e conseguir “sobreviver” ao desafio.

Esse impulso pela criação de uma comunidade e pelo “estar junto” também é um ponto de encontro entre os leitores 2.0 e seus antepassados. Afinal, como vimos no capítulo 1, em vários momentos de sua história a leitura foi uma atividade social, responsável por reunir pessoas, seja em leituras ao redor de fogueiras ou clubes do livro. É interessante notar que hoje, mesmo que essas comunidades sejam diferentes e envolvam relações pautadas por valores da sociedade capitalista neoliberal contemporânea, esse desejo do coletivo continua fortemente presente. Assim, vemos como uma atividade que por vezes é tida como “solitária”, realizada no ambiente isolado do quarto ou no silêncio das bibliotecas, consegue ser um elemento unificador. As maratonas conseguem construir essa comunidade de maneira muito eficaz, alimentando laços entre leitores e, como vimos ao observar sua evolução, sempre utilizando novas tecnologias e plataformas para aumentar a interação entre eles.

É possível concluir, então, que as maratonas literárias não são um evento a ser demonizado ou endeusado, mas sim uma das muitas práticas que fazem parte da comunidade literária on-line e traz em si os valores do leitor 2.0. Mas, o mais importante é que ela foi criada e é até hoje organizada por leitores para leitores. Mostrando-se um elemento importante para a criação de laços afetivos dentro da comunidade e como incentivadora da leitura, angariando milhares de participantes em um país onde tão poucas pessoas se consideram leitoras. Por isso, ao invés de simplesmente temermos o impacto do digital na leitura e nas relações leitor-livro, temos que continuar a realizar pesquisas e trabalhos que se debruçam sobre esses impactos, em uma tentativa de entender esses jovens leitores que são o futuro do mercado literário. Afinal, eles serão os

professores, editores, tradutores, pais e influenciadores literários responsáveis por formar os leitores das próximas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAPP November 2021 statshot report: publishing industry up 11.1% for may 2021, and 23.4% year to date. AAPP, jul 2021. Disponível em: <<https://publishers.org/news/aap-november-2021-statshot-report-publishing-industry-up-8-3-for-month-and-13-1-year-to-date/>> Acesso em: 16 dez 2021.

ALECLIGHTTWD. it's 9 minutes into the new year and i went and checked goodreads for 2022 reading challenge. it's insane behavior at this point. Twitter: @aleclighttwd. 01 jan 2022. Disponível em: <https://twitter.com/aleclighttwd/status/1477160229477490690?s=20>. Acesso em: 06 jan 2022.

ALMEIDA, Victor. SIM, ELE VOLTOU! AQUELE QUE É O MAIS TEMIDO! Organizei toda a estante pra poder gravar o Bookshelf Tour: o filme. Quarta, às 19h. Twitter: @victoralmeidap. 7 ago 2021. Disponível em: <https://twitter.com/victoralmeidap/status/1424150069851328514?s=20>. Acesso em: 06 jan 2022.

ALMEIDA, Victor. *Aproveitando pra reforçar que vocês não precisam CORRER pra alcançar. O formulário existe justamente pra isso: você ir recebendo as próximas somente quando terminar a anterior no SEU RITMO, independente se já saíram ou não. Leitura não é competição.* Twitter: @clubedogeeffe. 13 jan 2022. Disponível em: <<https://twitter.com/clubedogeeffe/status/1481626015407431680>>. Acesso em: 13 jan 2022.

ALMEIDA, Victor. [Entrevista concedida a] Camila Carneiro. Rio de Janeiro, 2 fev 2022.

ALMEIDA, Victor. Maratona Literária de Verão 2021 | Apresentação. YouTube, 30 dez 2020. Disponível em: <https://youtu.be/e2L4kJOODM4>. Acesso em: 16 fev 2022.

ALVES, Fernanda. *Nunca participei mas achei esse negócio de missão bem bolado... eu tenho problemas com TBR então ter um livro por vez acho que pra mim funciona melhor... vou me inscrever e ver o que consigo concluir.* Twitter: ferr_allvess. 28 dez 2021. Disponível em: https://twitter.com/ferr_allvess/status/1475963625391247360>. Acesso em: 08 jan 2022.

ATHON. *In: Cambridge Dictionary.* Cambridge, Cambridge University Press, 2022. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/athon>>. Acesso em: 7 jan 2022.

BIRKE, Dorothee; FEHRLE, Johannes. *#booklove: How reading culture is adapted on the internet*. Komparatistik Online, p. 60–86, 2018.

BISSET, Ariel. BOOKTUBEATHON 2014!. YouTube, 17 jun 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JauBxxVGa24>. Acesso em: 12 fev 2022.

BISSET, Ariel. Day #1: Cover Recreation Winners!. YouTube, 15 jul 2014. Disponível em: <https://youtu.be/kt8TU7oKoek>. Acesso em: 12 fev 2022.

BISSET, Ariel. OFFICIAL READING AND VIDEO CHALLENGES! YouTube, 8 jul 2014. Disponível em: https://youtu.be/X_XOtGOUdUg. Acesso em: 12 fev 2022.

BISSET, Ariel. Q&A! | BOOKTUBEATHON 2014!. YouTube, 8 jul 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nd1qmlYXzR4>. Acesso em: 12 fev 2022.

BROWSE, Maddie. *Whatever-You-Want-A-Thon Announcement!!*. YouTube, 1 maio 2021. Disponível em: https://youtu.be/6mYi6s_yTaM. Acesso em: 12 jan 2022.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: Do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 2009.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2ª edição. Brasília: Editora UNB, 1998.

CISCATI, Caroline. *Aí meu deus não faz isso comigo não, eu leio com metas*. Twitter: @CarolneCiscati. 8 nov 2021. Disponível em: <https://twitter.com/CarolineCiscati/status/1457731838387146753>. Acesso em: 08 jan 2022.

COMEAU, Janel. me: I am smart. I am accomplished. I am enough. goodreads goal: you are two books behind schedule me: I am garbage. I come from garbage. to the garbage I shall return. Twitter: @VerryBadLlama. 5 abr 2021. Disponível em: <https://twitter.com/VeryBadLlama/status/1379110829661032448> Acesso em: 06 jan 2022.

COOVER, Robert. *The end of books*. The New York Times, 21 jun. 1992. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/98/09/27/specials/coover-end.html> Acesso em: 11 set. 2021

CORRÊA, Elizabeth Saad; BERTOCCHI, Daniela. *O algoritmo curador: O papel do comunicador num cenário de curadoria algorítmica de informação*. In: Compós, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 21, Juiz de Fora, 2012.

COSTA, Alec. Primeiro vídeo meu que "bombou" foi a minha bookshelf tour. Esse vídeo é horrível, mas tenho muito orgulho dele *-*. Twitter: @umbookaholic. 5 jul 2020. Disponível em: <https://twitter.com/umbookaholic/status/1279932488039706624?s=20>. Acesso em: 03 jan 2022.

COSTA, Andressa Abraão; TEIXEIRA, Claudia Souza. *Movimento Booktubers: práticas emergentes de mediação de leitura*. Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 13–31, 2016.

COUGHLAN, Pam. *The 48 hour book challenge*. MotherReader, 29 maio 2006. Disponível em: <http://www.motherreader.com/2006/05/48-hour-book-challenge.html>. Acesso em: 12 fev 2022

COUGHLAN, Pam. *The 48 hour book challenge: THE WINNER IS...*. MotherReader, 19 jun 2006. Disponível em: <http://www.motherreader.com/2006/06/48-hour-book-challenge-winner-is.html>. Acesso em: 12 fev 2022.

CRAIN, Caleb. *Twilight of books*. The New Yorker, 16 dez. 2007. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2007/12/24/twilight-of-the-books> Acesso em: 11 set. 2021

CRAIN, Caleb. *Why we don't read, revisited*. The New Yorker, 14 jun. 2018. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/why-we-dont-read-revisited> Acesso em: 11 set. 2021

DARNTON, Robert. *Primeiros passos para uma história da leitura*. In: O beijo de Lamourette. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 87–105.

DARNTON, Robert. “*O que é a história do livro?*” revisitado. ArtCultura, v. 10, n. 16, p. 155–169, 2008.

EHRET, Christian; BOEGEL, Jacy; MANUEL-NEKOUËI, Roya. *The role of affect in adolescents' online literacies: participatory pressures in BookTube culture*. Journal of Adolescent and Adult Literacy, v. 62, n. 2, p. 151–161, 2018.

FLOP. *In: Merriam Webster Dictionary*. Springfield, Merriam-Webster, Incorporated, 2022. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/flop>. Acesso em: 20 fev 2022.

FOASBERG, Nancy M. *Online reading communities: from Book clubs to Book blogs*. *The Journal of Social Media in Society*, v. 1, p. 1–24, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

FRANCESCO CIRILLO. *The Pomodoro Technique*. 2022. Disponível em: <https://francescocirillo.com/pages/pomodoro-technique>. Acesso em: 8 jan 2022.

GERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, L. G. & LEITÃO, D. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Antropolítica*. Nº 32, 2017, p. 41-65.

GOODREADS. *2021 Reading Challenge*. 2022. Disponível em: <https://www.goodreads.com/challenges/show/11650-2021-reading-challenge>. Acesso em: 02 jan 2022.

GULLAR, Ferreira. *A morte do livro*. Folha de S. Paulo ilustrada, 19 mar. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1903200621.htm> Acesso em: 11 set. 2021

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HEATHER. Out with a Bang Readathon: Book Sentence Mini-Challenge. *Cerebral Girl in a Redneck World*, Florida, 31 dez 2010. Disponível em: <http://cerebralgirl.blogspot.com/2010/12/out-with-bang-readathon-book-sentence.html>. Acesso em: 12 fev 2022.

HELO_WOW. *O chat mandando carinho para Liv por ela estar na front e com 5k de pessoas tá me deixando de coração quentinho, amo essa comunidade #livroxinha #MLV2022 #RevolucaoMLV*. Twitter: @Helo_WoW. 8 jan 2022. Disponível em: https://twitter.com/Helo__WoW/status/1479910540885516303. Acesso em: 8 jan 2022.

JEFFMAN, Tauana Mariana Weinberg. *Literatura compartilhada: uma análise da cultura participativa, consumo e conexões nos booktubers*. In: Revista Brasileira da História da Mídia. v. 4, n. 2, p. 99-108, 2015

JENKINS, Henry; ITO, Mizuko; BOYD, Danah. *Participatory culture in a networked era: a conversation on youth, learning, commerce, and politics*. Cambridge: Polity Press, 2016.

LEE, Yoonjoo. et al. *Personalizing ambience and illusionary presence: How people use study with me videos to create efective studying environments*. In: CHI Conference on Human Factors in Computing Systems (CHI '21), 8-13 maio, 2021, Yokohama, Japan. ACM, New York, NY, USA.

LEWIS, Jeremy. *The life and times of Allen Lane*. London: Penguin Books; 2006.

MARATHON. In: Merriam Webster Dictionary. Springfield, Merriam-Webster, Incorporated, 2022. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/marathon>>. Acesso em: 7 jan 2022.

MARIA PAULA. *Eu amei esse sistema pq a minha ansiedade ataca pra descobrir logo a próxima missão, fazia muito tempo que eu não era tão produtiva lendo, já terminei as três missões lançadas e já li mais outros 4 livros*. Twitter: @mariatolos4. 13 jan 2022. Disponível em: <<https://twitter.com/mariatolos4/status/1481741919696957442>>. Acesso em: 13 jan 2022.

SAMANTHA. Read-a-Thon BR: New Adult – Minha Lista de Leitura. Books and other things. Florianópolis, 21 jul 2013. Disponível em: <http://livroseetcetera.blogspot.com/2013/07/read-thon-br-new-adult-minha-lista-de.html>. Acesso em: 12 fev 2022.

MATOS, Thaís. *'Booktok': onda de vídeos sobre livros no TikTok impulsionam obras de suspense e fantasia*. G1, 26 jul. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/07/26/booktok-onda-de-videos-sobre-livros-no-tiktok-impulsionam-obras-de-suspense-e-fantasia.ghtml>> Acesso em: 11 set. 2021

MERCADO de livros fecha primeiro semestre com aumento de 9 milhões de obras vendidas em relação a 2020. G1, 11 ago. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/08/11/mercado-de-livros-fecha-primeiro-semester-de-2021-com-aumento-de-9-milhoes-de-obras-vendidas-em-relacao-a-2020.ghtml>> Acesso em: 11 set. 2021

MER_READS. nothing says happy new year like inputting a new goodreads goal. Twitter: @mer_reads. 01 jan 2022. Disponível em: https://twitter.com/mer_reads/status/1477280628743753729. Acesso em: 06 jan 2022.

MORRISON, Ewan. Are books dead, and can authors survive? The Guardian, 22 ago. 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2011/aug/22/are-books-dead-ewan-morrison>> Acesso em: 11 set. 2021

PRICE, Leah. *Dead again*. The New York Times, 10 ago. 2012. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2012/08/12/books/review/the-death-of-the-book-through-the-ages.html>>. Acesso em: 11 set. 2021

PRICE, Leah. *What we talk about when we talk about books*. Nova Iorque: Basic Books, 2019.

RATZ, Paulo. ATENÇÃO TO ALL THE MANAS: Vcs pedem bookshelf tour o ano todo, é a pior coisa do mundo de gravar, please assistam <3. te amo. Twitter: @livrariaemcada. 28 jul 2017. Disponível em: <https://twitter.com/livrariaemcasa/status/890951420115120131?s=20>. Acesso em: 03 jan 2022.

SANTOS, Tamirez. MARATONA 24h (Apresentação) - #Maratona24hNoSleep | Resenhando Sonhos. YouTube, 29 out 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V_L2s-66c0M>. Acesso em 09 jan 2022.

SANTOS, Tamirez. #Maratona24hNoSleep: Ler It, a Coisa em um dia?. YouTube, 7 ou 2018. Disponível em: https://youtu.be/A9i5_ld0YEU. Acesso em 09 jan 2022.

SOARES, Felipe. Com 13 mil leitores, Maratona Literária de Inverno é sucesso nas redes. Folha de Londrina, 16 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/com-13-mil-leitores-maratona-literaria-de-inverno-e-sucesso-nas-redes-3091755e.html>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

SOARES, Felipe. Maratona Literária ganha destaque nas redes com leitura imersiva. Folha de Londrina, 21 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/maratona-literaria-ganha-destaque-nas-redes-com-leitura-imersiva-3092285e.html>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

SPRINT. *In*: Merriam Webster Dictionary. Springfield, Merriam-Webster, Incorporated, 2022. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/sprint>>. Acesso em: 7 fev 2022.

THEARTSYREADER. I have come to the conclusion that buying books and reading them are actually two entirely different hobbies. Twitter: @theartsyreader1. 11 jul 2019. Disponível em: <https://twitter.com/theartsyreader1/status/1149295769897328640>. Acesso em: 27 dez 2021

TON. *In*: Cambridge Dictionary. Cambridge, Cambridge University Press, 2022. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/ton>>. Acesso em: 7 jan 2022.

TORRES, Bolívar. Atletas da leitura: entenda por que maratonas e sprints literários cresceram na pandemia. O Globo, 14 junho de 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/atletas-da-leitura-entenda-por-que-maratonas-sprints-literarios-cresceram-na-pandemia-25048050>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In BARROS, A. e DUARTE, J. (orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006, pp. 98-109.

UKURA, Kim. 24 hour Read-a-thon. Sophisticated dorkiness, Saint Paul, 18 out 2008. Disponível em: <https://www.sophisticateddorkiness.com/2008/10/24-hour-read-a-thon/>. Acesso em: 12 fev 2022.

VANIA. *Maratona Literária*. Por essas páginas, 22 jul 2013. Disponível em: <http://poessaspaginas.com/maratona-literaria>. Acesso em: 12 fev 2022.

VIEIRA, Taynée Mendes. *A cura pelos livros: como a era digital reconfigurou o sentido dos impressos no Reino Unido*. In: Intercom, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 43, 2020, virtual.